A LIAHONA

Fevereiro *1967*

você já pensou?
é muito mais seguro receber
das minhas mãos, pessoalmente,
a sua LIAHONA!

e é muito simples:
olhe, você faz a sua ASSINATURA comigo
(sou o seu representante da LIAHONA)
e mensalmente apanha comigo o seu exemplar
que, convenhamos,
está ficando cada vez melhor!

explorando o universo

Dr. Franklin S. Harris Jr.

MARÉS ATMOSFÉRICAS

Existem oscilações atmosféricas, chamadas marés atmosféricas, causadas pela atração gravitacional do sol e da lua, e pelos efeitos do aquecimento solar. O Prof. B. Haurwitz observa que nas regiões tropicais da terra há duas máximas por volta das dez e das vinte e duas horas, e duas mínimas cêrca de seis horas depois. A amplitude de variação é de cêrca de um milésimo de uma atmosfera de pressão. Desde que a fôrça gravitacional de maré da lua é 2,2 vêzes a do sol e a maré lunar semi-diurna da atmosfera da terra é cêrca de 15 vêzes menor que a do sol, a diferença deve ser provocada principalmente pela ação aquecedora do sol.

ESTÍMULOS DE RAIOS X.

No Veterans Administration Hospital, Long Beach, Califórnia, foram treinados ratos para responderem a sinais de doses muito baixas de raio-x dirigidas à cabeça. O estímulo é provàvelmente recebido nas vizinhanças da região bulbo-olfativa do cérebro.

NOVA TÉCNICA.

A aplicação de uma recém-descoberta técnica chamada análise por radioativação faz distinguir se o ópio é proveniente da China ou do México. Pode detetar resíduos de pólvora nas mãos de um suspeito, e dizer então quantas vêzes êle disparou a arma. Sua aplicação à História é igualmente interessante. Eric XIV, rei suéco destronado no século XVI, morreu numa prisão após ter ingerido um prato de sôpa de ervilhas. Recentes estudos de reativação descobriram que a sôpa pode ter contido substanciais doses de mercúrio. O imperador Napoleão I morreu no exílio em Santa Helena, supostamente de câncer. O exame de seu cabelo tem mostrado que continha treze vêzes mais arsênico que o normal, indicando que deve ter morrido por envenenamento com arsênico.

A LIAHONA

FEVEREIRO DE 1967 VOL. XXI — N.º 2

ARTIGOS

O melhor bife queimado que já comi"? 10

Liderança e administração da Sociedade de Socorro 22

Nauvoo 26

Então é disso que são feitos os meninos? 32

SEÇÕES

Explorando o Universo 3

Mensagem de Inspiração 4

Meu Cantinho 6

Sacerdócio de Melquisedeque 8

Ensino 14

Página Feminina 16

Ciência e Religião 18

Jóias do Pensamento 21

Escola Dominical 30

Notícias 35

Última Palavra 38

Programa Noite Familiar (páginas centrais)

Capa: Rui M. Bronze

A LIAHONA — R. Afonso Braz, 464, 3.º, cj. 31 fone 61.2344 - São Paulo.

Hélio da Rocha Camargo, *Editor;* Laís Nely Manzotti, *Redatora;* Rui Marques Bronze e Floriano Peixoto da Costa, *Fotógrafos;* F. Máximo, José Vieira Neto, Merly P. Stringhetti, Regina Kauag e Tereza Cristina da Rocha Costa, *Tradutores.* A Revista "A Liahona", editada pelo *Centro Editorial Brasileiro,* é o órgão oficial em língua portuguêsa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.* Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráfica S.A., R. Ana Neri, 466, São Paulo.

Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP.
Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215 - fone 80-4638, C.P. 862, São Paulo, SP.
Missão Brasileira do Sul, R. Gal. Carneiro, 490, fone 4-8016, C.P. 778, Curitiba, PR.
Missão de Construção, R. Itapeva, 378, fone 33-6761, São Paulo, SP.

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine — The Children's Friend e Church News.*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação.

Preços: Brasil, Ano: Cr$ 3.000; Exterior, Ano US$ 4.00; Exemplar: Cr$ 300; Número Anterior: Cr$ 600.

MENSAGEM DE **INSPIRAÇÃO**

Pres. David O. Mckay

Um dos meus assuntos favoritos, muitas vêzes debatido com a juventude, é "A Estrada da Felicidade através do Alargamento e da Ampliação dos Horizontes."

O nosso tema da edição dêste mês sugere que a estrada da felicidade consiste em alargar e ampliar horizontes.

Horizonte significa algo confinado pela observação ou pela experiência. Do ponto de vista geográfico o nosso horizonte é confinado pelas limitações da nossa visão física, porém, êsses outros horizontes que consideraremos aqui, estão dentro de nós e são limitados ùnicamente pela nossa imaginação. São essas experiências e observações pessoais que contribuem para a nossa alegria ou para a nossa infelicidade.

Todos nós já estivemos no campo e já nos regozijamos fazendo piqueniques e subindo encostas. Ao atingirmos o sopé da colina e ao iniciarmos a subida podíamos ver o que julgávamos ser o cimo. Era limitado o nosso horizonte e assim prosseguimos sôbre rochedos, admirando aqui uma delicada flor, ali um arbusto raro e invariàvelmente sempre vendo a vista lá em baixo. Ficamos surpreendidos ao atingirmos o primeiro patamar, que nós julgávamos ser o cume, por verificarmos ainda que não o tínhamos alcançado. Havia mais colinas à nossa frente. À medida porém, que subíamos, a vista era mais admirável do que tinha sido em baixo. Assim, com o coração ligeiro e impaciente curiosidade, iniciávamos a próxima ascensão. Uma etapa mais, pensávamos, e chegaremos ao tôpo. Mais uma vez éramos surpreendidos ao ver "colinas brotando de outras colinas" porém, novamente o nosso horizonte se ampliava mais. Como são parecidas as ruas da velha cidade! Como a "garganta" profunda adquire nôvo aspecto e como os rios se dirigem para lá tal fios de prata estendendo-se através do vale. Já não podemos parar; outra subida e continuamos até que afinal atingimos a crista. É apenas uma experiência diária que o Papa Alexandre exprimiu com tanta beleza: "Montes espreitam sôbre montes e os Alpes sôbre os Alpes se elevam!" (Ensaio Crítico.)

Alguns de vocês já estiveram nos Alpes e já escalaram aquêles picos maravilhosos e lá experimentaram, hora após hora e dia após dia, o que significa adquirir horizontes mais extensos.

Muitos de nós, porém, contentam-se em morar nos cortiços do intelecto e do espírito. Muitos de nós procuram a felicidade nas sombrias vizinhanças da indulgência.

E, por isso, eu vos peço, moços e moças, que iniciem a ascensão para os picos da intelectualidade e da espiritualidade que eu creio, conduzirão à felicidade.

Vamos alargar os nossos horizontes e iniciar a nossa ascensão.

O primeiro monte que subirmos eu o chamarei "Liberdade da Alma." Não poderá haver felicidade sem livre arbítrio. Se a alma sente-se limitada, atormentada ou escravizada por alguma coisa ou por alguém, não poderá haver progresso. Esta é a razão pela qual certas nações estão hoje erradas e terão que mudar a sua maneira de agir algum dia. Deus quer que o homem seja livre.

Nós giramos em volta do monte "Liberdade da Alma" e vemos uma extensa vista. Em nosso íntimo há uma sensação de fôrça e de confiança. Há esperança; há animação. Somos independentes e podemos fazer o melhor de nossas vidas.

Há, porém, um outro monte à nossa frente e penso que êste monte é mais duro. Há mais rochedos. Há mais pedras rolando à medida que subimos. Talvez escorreguemos. Podemos esfolar nossos joelhos e arranhar nossas mãos porque a ascensão não é fácil. Abordamos o monte "Vitória".

À medida que o galgamos adquirimos consiciência do auto-domínio, que tem a mesma importância da consciência da liberdade da alma. Olhe aí, onde os raios do intelecto não penetram, onde a luz solar da moralidade raras vêzes é vista, e veja como o povo rasteja. Muitos — muitos mesmo, não podem ou não querem deixar os cortiços para alcançar êste pico de onde alargamos os nossos horizontes. Como resultado disso, procuram uma felicidade vã. Êles agarram as coisas e elas se transformam em cinzas.

É significativo que fôsse da Tentação que Cristo ganhasse a vitória sôbre o tentador, e exclamasse, "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Êle servirás." (Mat. 4:10.)

Nós, porém devemos ascender. O monte próximo conduz a uma doce felicidade na vida. Tôdas as nossas associações, assim, têm sido uns com os outros, tanto rapazes como moças. Aquêles que fizeram algumas das baixezas que almejaram na vida, não estão prontos, como é natural, para prosseguir. Permanecem no plano da "Indulgência," porque o esfôrço para ascender é demasiado, é grande demais.

Ampliando Horizontes

Mas aquêles que estiveram juntos, estudando um ao outro, procurando saber com quem tinham afinidade e quem melhor contribuiu em suas vidas — os rapazes que encontraram moças que os inspiraram para o melhor e as moças que fizeram os rapazes dizer, "Eu quero vencer; quero tornar-me digno de você" — Essas são as moças cuja companhia você deve procurar; e, moças, êsses são os rapazes que são dignos da sua camaradagem e do seu amor. Êles não são rastejantes. A finalidade dêles não é apenas experimentarem sensações que estão ao alcance de qualquer animal. As suas danças, as suas reuniões sociais e as suas músicas são apenas meios para chegar a um fim e êles olham adiante, para a próxima ascensão — para o monte "Indústria."

Aqui cada um escolhe a sua vocação. O monte é de difícil ascensão, êle porém já venceu algumas dessas dificuldades na mocidade, e agora está pronto a sobrepujar quase tôdas as outras. Naturalmente é difícil a alguém instruir-se. É preciso aplicação. É preciso negar a si mesmo alguns prazeres, mas como já aprendeu a dominar-se fisicamente, pode agora dominar-se intelectualmente. O rapaz escolhe uma vocação tendo em vista construir um lar para aquela gentil moça que o inspirou. Procura a suprema felicidade que vem quando contribuímos para a bênção dos outros e para o poder da nação. Juntos, o casal está construindo no monte da "Indústria." Construindo um lar juntos êles partilham felicidade. O espôso é feliz quando a sua gentil espôsa ou sua namorada o é; e ela é feliz quando êle vence. Ambos são felizes quando os filhos vencem. Acima de tudo, realizando e amando vive a família a suprema felicidade. Tudo mais é secundário para êsses rapazes e moças que fazem os nossos lares felizes. Esta experiência encontra-se no monte da "Indústria."

Os "Alpes" imóveis elevam-se quando nos aproximamos do monte "Apreciação". Talvez habitemos um "chalé". Lemos sôbre as fortunas que são pagas por pinturas, e em nossa parede está pendurado, apenas, um pedaço de folhinha. Agora, porém, já sabemos apreciar as dádivas de Deus e temos para olhar as mais belas pinturas do mundo.

Deixemos isso, olhemos os nossos dilatados horizontes e poderemos nos aquecer, ambos, no glorioso por-de-sol que é nosso.

Não se pode fazer a apreciação sem subir. Isso não se encontra nos cortiços da indulgência, na letargia, na ociosidade, na intemperança, nas bebedeiras, no fumo, ou através de estimulantes físicos para produzir felicidade. Pense sôbre isso. Você não pode fazê-lo. Você nunca se satisfará com isso. Leia o livro da vida e terá ampla evidência do valor e da verdade da Palavra de Sabedoria. Conserve seus olhos abertos e veja a vida lá em baixo nas sombras, veja-a principalmente do alto monte da "Indústria" e "Apreciação."

Continuemos, porém, a nossa jornada ascendente. Juntos, a mão na mão, subiremos o último monte e alcançaremos o pico — o monte do "Serviço."

Quando iniciamos a nossa escalada final e observamos nossos dilatados horizontes chegamos à conclusão de que a verdadeira felicidade é, paradoxalmente, encontrada nas palavras do Salvador ". . . quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á". (Mat. 10:39) Nossas vidas estão ligadas com as vidas de outros, e somos felizes quando contribuímos para a felicidade dos outros. ". . . mas, servi-vos uns aos outros pela caridade." (Gal. 5:13) e Jesus acrescenta: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de tôda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Êste é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a êste, amarás o teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois mandamentos estão tôda a lei e os profetas." (Mat. 22:37-40)

Há quem diga que tal ideal é meramente teórico e dizem que é impraticável! Por que não experimentá-lo? Um teste de aplicação provará a sua praticabilidade. Deixem que nações do mundo que estão descendo a colina do progresso e resvalando para os cortiços e para as sargetas da indulgência animal zombem dos ideais, se quiserem; tão certo, porém, como Deus nos deu a revelação da vida, assim acharemos a felicidade suprema na medida em que subirmos o monte do "Serviço."

Deus os abençôe os moços enquanto viajam pela estrada da felicidade através de dilatados horizontes.

Eu creio que os passos são os seguintes: "Liberdade da alma"; "Vitória" através de auto-domínio; terceiro, "Indústria" e o lar; quarto, "Apreciação"; e quinto "Serviço" — boa vontade e habilidade para servir. O Senhor nos ajude como representantes da Igreja, dos nossos lares e como homens portadores do sacerdócio de Deus, para dar exemplo e trazer felicidade ao mundo.

MEU CANTINHO

Aprisionado no Pico Ibitu

Blanche Boshinski

Bernardo não estava muito certo sôbre as meninas. Oh, Patrícia estava aprovada, supunha êle, mas estava feliz de não a haver deixado vir passear com êle no pico Ibitu (Assim era como chamava sua montanha favorita coberta de mato). O que sabia Patrícia sôbre escalamento, depois de viver tôda a vida na cidade?

Bernardo parou perto de um abeto gigante quando viu pegadas frescas de gamo e começou a perscrutar. Era sempre excitante para êle perseguir um gamo.

Patrícia ficaria realmente zangada se soubesse que êle estêve tão perto de uma corça ou gamo. Ela tinha tentado tirar fotos de gamo desde que seus pais haviam chegado para as férias de verão numa cabana de hóspedes da fazenda que a família de Bernardo tinha alugado.

Ela disse que sòmente queria ter um instantâneo de cada animal, selvagem ou domesticado, que vivia na fazenda. Tinha muitas fotos de gatos, cachorros, cavalos, ovelhas, da velha cabra, gaios, e até mesmo de uma jaritacaca; mas Patrícia viu que não era fácil tirar fotografias de animais selvagens.

O insucesso dela secretamente agradava a Bernardo, que se orgulhava de ser um genuíno desbravador que podia resolver qualquer problema na floresta.

Cuidadosamente Bernardo penetrou por um caminho perto de um basto matagal ao ouvir uma moita farfalhar. Êle deslizou para baixo da saliência de um rochedo que dava vista para o vale da fazenda. Ainda não podia ver o gamo, mas tinha uma vista excelente da casa e dos currais.

Êle não podia ver Patrícia, mas ela provàvelmente ainda estaria colocando as contas no seu cinto, o qual havia comprado numa loja de curiosidades. Patrícia agia como se aquêle cinto fôsse um tesouro. Êle o havia pegado na noite passada para dar uma olhada e ela lhe gritou.

"Não vou estragar as suas velhas contas" êle lhe havia dito, "Mas por que você tem que ficar sentada aí fazendo isso?"

"E por que não?" ela respondeu àsperamente, e seus olhos negros estavam chispando. "Só porque eu sou uma garôta você não quer me deixar ir escalar com você?"

Bernardo havia saído cedo de manhã sem falar nada com ela. Ela provàvelmente seria vagarosa, escorregaria e ficaria com mêdo dos ursos e todo o tipo de coisas sem nexo.

A moita farfalhou novamente. Bernardo deu um passo, cuidadosamente, pela saliência de modo a poder ver o outro lado da enorme rocha. A saliência ficou muito estreita, então êle se virou para voltar. Quando o fêz, seu pé tropeçou numa saliência e as pedras caíram precipício abaixo.

Bernardo agarrou-se a uma pedra, mas as chuvas recentes tinham amolecido a terra. A pedra se soltou. Quando ela caiu, mais uma parte da saliência foi junto. Bernardo olhou para trás ansiosamente. Não havia saída naquela direção também. Êle sentiu arrepios quando olhou para o precipício.

A enorme rocha acima dêle era sólida, e êle não encontrou uma saliência ou lugar seguro para a escalar. Ficaria prêso até que alguém viesse procurá-lo. Imaginem só ser tirado de uma montanha como um bebê! Todos da fazenda dariam uma boa gargalhada.

Finalmente quando olhou para a fazenda, alguém tinha saído para o terraço, mas êle não sabia quem era. Bernardo pegou o cantil de alumínio da mochila atada à cintura e segurou-o contra o sol. Finalmente êle conseguiu lançar alguns reflexos para a casa. Enquanto fazia isso sentiu a saliência ceder mais, e teve que ir mais para trás, até que não mais podia ver o terraço.

Na hora do almôço certamente sentiriam sua falta, mas tôda a saliência e êle provàvelmente já teriam caído lá em baixo.

O sol nunca movera-se tão vagarosamente antes. Será que o meio-dia chegaria? Desesperado, deu um grito bem alto.

"Poupe seu fôlego, você pode precisar dêle," uma voz veio de cima.

Bernardo olhou para cima. Patrícia estava deitada de bruços sôbre a extremidade do enorme rochedo.

"Você trouxe uma corda?" êle perguntou esperançosamente.

"Como poderia saber que você precisava de ajuda?" ela respondeu. Vi seus sinais e decidi vir ver onde estava.

"Corra e traga um dos homens," Bernardo implorou.

"Por que? Você quer que todos êles saibam que você empacou?" ela perguntou. "Você faz muito alarde."

Bernardo não podia ver o que ela estava fazendo enquanto falava, mas num instante o belo cinto de contas desceu sôbre a extremidade do rochedo.

"Agarre isso," Patrícia disse. "Eu posso enganchar meus pés em volta dêste pinheiro e você pode esticar-se o suficiente para se agarrar naquele arbusto e segurar-se pelo pé."

"Talvez eu quebre as cordas," Bernardo avisou.

"Oh, deixe isso p'ra lá," Patrícia revidou.

As pernas de Bernardo estavam tão fracas que êle teve de esticar-se sôbre um tronco, quando finalmente estava em chão firme. Daí esperava ser bastante "escarnecido" por ela.

Ao invés disso, ela disse, "Que lugar bonito, Bernardo!" Foi uma escalada e tanto, mas eu consegui, você viu?"

Bernardo esperava que Patrícia contasse a história de como ela o salvou pelo resto do dia, mas ela não disse uma palavra.

Finalmente compreendeu que ela nunca o faria. Depois da ceia, na grande sala-de-estar da casa principal, Patrícia estava consertando o lugar que quebrara no cinto.

"Está bem trabalhado," Bernardo lhe confidenciou. E então, acrescentou "Conheço um lugar onde há uma gruta secreta nas rochas. Há quase sempre um gamo por perto. Quer almoçar e escalar comigo amanhã?"

(*continuação na pág.* 29)

Whitefield. Como ocorre quanto a Waugh, muito pouco é conhecido sôbre a vida de Whitefield. Foi um pintor de flôres e paisagens, nascido na Inglaterra em 1816. Veio para os Estados Unidos ainda jovem e viveu em Nova York até 1844. Em 1856/1857 fêz várias viagens a Minessota, ocasião em que fêz êste esbôço de Nauvoo. Morreu em 1892.

Êste, e o artigo já mencionado (The Improvement Era, Julho de 1962) de maneira alguma são oferecidos como estudos completos, mas sòmente como exemplos dos muitos e variados relatos em um campo relativamente inexplorado de literatura de viagem impressa e inédita, concernente ao período de Nauvoo da nossa Igreja. Pois, a maior parte dêsses relatos apresentam opiniões francas, espontâneas e geralmente favoráveis com respeito à Igreja, em contraste com as estudadas diátribes que foram laboriosamente compostas contra a Igreja por inimigos e detratores.

NOTAS

1. Moritz Wagner, *Reisen in Nordamerika*, 1852-1853 (Viagens na América do Norte) (Leipzig, 1867).

2. "... *ein betrogener Fanitiker, denn als ein fanatischer Betrüger.*" *Ibid.*, p. 153.

3. *Idem.*

4. Os icarianos foram um grupo de seguidores do revolucionário e reformador social francês Etienne Cabet, que deixou a França em 1847 rumo aos Estados Unidos. Depois de ter falhado em estabelecer sua colônia no Texas e na Louisiana, Cabet eventualmente mudou-se para a cidade abandonada de Nauvoo em 1849. Sua tentativa de reconstruir o templo faliu, e após vários anos de dificuldades internas e a morte de Cabet em 1856, o grupo desfêz-se em 1859. Veja Jules Proudhommeaux, *Icarie et Son Fondateur Etienne Cabet* (Icária e seu Fundador Etienne Cabet) (Paris, 1907).

5. J. F. Cretinon, *Voyage en Icárie...* 1855 (Viagem em Icária em 1855).

6. Ernest Duvergier de Hauranme, *Huit Mois en Amerique*, 1864-1865 (Oito meses na América) (Paris, 1866), Vol. 1 p. 247.

7. Frederika Bremer, *The Houses of the New World; Impressions of America*, tradução de Mary Howett (Nova York, 1853) Vol. 2, p. 73.

8. John Kirk letter-books (Rôlo de Microfilmes n.º 9 da Coleção de Documentos Mórmons da Southern Illinois University; manuscritos originais na Biblioteca da Sociedade Histórica de Chicago), Vol. 2 pp. 29-34.

9. *Ibid.*

10. Charles A. Dana (editor), The United States Illustrated (Nova York, 1854), pp. 37-46.

11. John C. Van Tramp, *Prairie and Rocky Montain Adventure...* (Colombus, Ohio, 1866) p. 328.

12. C. W. Dana, *Garden Of The World: A complete Guide to Emigrants* (New York, 1856) p. 105.

13. *Bulletin of the Missouri Historical Society*, Vol. XIX, n.º 1 (October, 1962) p. 49.

O Salvador mandou seus discípulos para ensinarem e converterem os judeus. O evangelho era também para os gentios.

Israel Judeu e Gentio

Joseph F. Smith

Sacerdócio de Melquisedeque

PERGUNTA: "Vemos freqüentemente nas escrituras as palavras Israel, judeu, gentio. Poderá o irmão, gentilmente, explicar êsses têrmos? A palavra gentio inclui os descendentes de Caim?

RESPOSTA: Israel foi o nome que o Senhor deu a Jacó, filho de Isaque, como se encontra em Gênesis, capítulo 32, que transcrevemos:

"Jacó porém ficou só; e lutou com êle um varão, até que a alva subia.

"E vendo que não prevalecia contra êle, tocou a juntura de sua coxa, e se deslocou a juntura da coxa de Jacó, lutando com êle."

"E disse: Deixa-me ir porque já a alva subiu. Porém êle disse: Não te deixarei ir, se me não abençoares."

"E disse-lhe: Qual é o teu nome? E êle disse: Jacó."

"Então disse: Não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste."

"E Jacó lhe perguntou, e disse: Dá-me, peço-te, a saber o teu nome. E disse: Por que perguntas pelo meu nome? E abençoou-o ali."

"E chamou Jacó o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva." (Gen. 32:24-30.)

Foi assim que começou a existir o nome Israel e tornou-se, para sempre, o nome dos descendentes de Jacó.

O têrmo judeu ou judeus era dado geralmente aos israelitas que viviam no tempo do nosso Redentor. Era o nome nacional para todos os israelitas que viviam nos limites da Palestina. Por exemplo, Paulo era conhecido como judeu, êle porém nos diz que era um descendente de Benjamin.

Os descendentes de Jacó do tempo da permanência no Egito eram conhecidos como israelitas. Êsse nome provinha da denominação divina dada a Jacó, como já mencionamos antes e que continua até os nossos dias.

O nome gentio, era dado aos povos das nações estrangeiras pelos judeus e tem permanecido até o presente. A expressão "judeu ou gentio" é muito comum e a última geralmente refere-se à maior parte dos povos não judeus, excetuados os descendentes de Caim. Êsse têrmo é freqüentemente usado nas escrituras e é aplicado a todos os habitantes brancos da Europa e do hemisfério ocidental.

Nos dias de Pedro e dos apóstolos antigos, os habitantes da Europa e de parte da Ásia eram geralmente conhecidos como gentios. Quando o Salvador deixou seus discípulos, mandou-os primeiramente para converter e ensinar os judeus e seus descendentes da semente de Abraão, assim os apóstolos antigos acharam que a sua missão era, apenas, com as ovelhas perdidas da casa de Israel. Paulo e seus seguidores, que partiram depois em trabalho missionário, limitaram-se a pregar aos judeus espalhados pela Ásia Menor. Quando foram apedrejados perseguidos e injuriados, Paulo disse a seus companheiros, "... nós voltaremos para os gentios." (Vide Atos 13:46) e assim o tempo para os gentios, conforme Paulo e os companheiros pensavam, já tinha sido anunciado.

Então, novamente, lemos que Pedro pensava que o evangelho era dirigido sòmente aos judeus. O Senhor queria ensinar-lhe uma lição e convencê-lo de que o evangelho era também para os gentios e, para isso, deu-lhe uma visão dos animais impuros, dizendo a Pedro que os matasse os comesse. Êle respondeu, "Isso não, Senhor; eu nunca comi nada que fôsse comum ou imundo."

E, pela segunda vez a voz falou dentro dêle "Não chames tu comum o que Deus purificou". Esta visão repetiu-se e Pedro se convenceu de que o evangelho era tanto para os judeus como para o gentio. (Atos 10:9.)

Assim, do mesmo modo, Paulo depois de ter sido apedrejado, deixou a sinagoga dos judeus e dirigiu-se ao gentio. Vemos, assim, que naquela dispensação os judeus foram os primeiros a ouvir o evangelho e quando rejeitaram a mensagem, o Senhor mandou que os apóstolos fôssem ao gentio. Nesta dispensação os gentios tiveram o evangelho, em primeiro lugar, e quando êles o recusarem, o evangelho voltará aos judeus.

Como informação adicional menciono a primeira página do Livro de Mórmon, primeiro parágrafo.

Você diria algum dia à sua espôsa...

De que modo você responderia se o seu espôso dissesse: "Querida, êste é

O MELHOR BIFE

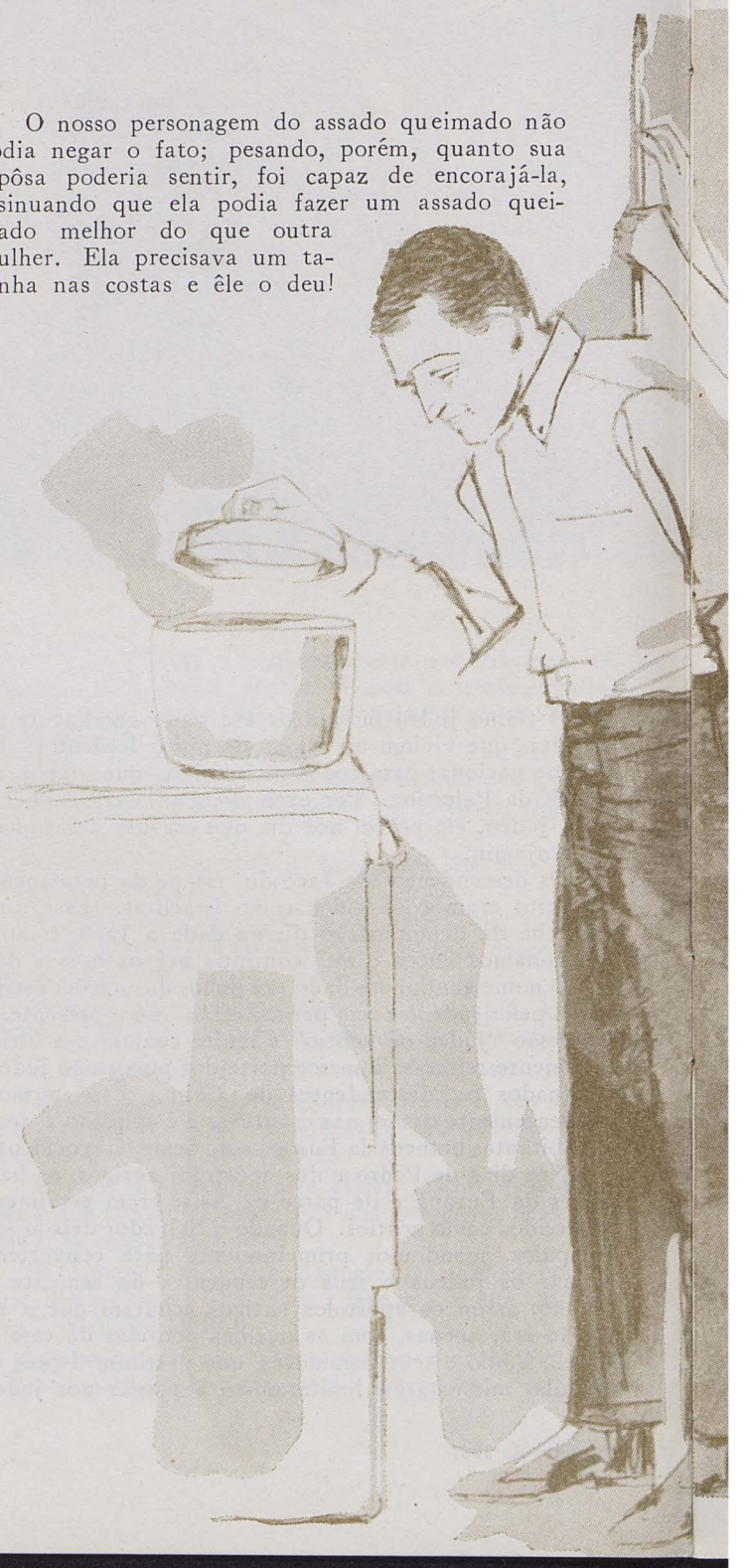
Uma recente caricatura representa certa cena de cozinha, na qual uma desalentada espôsa labuta na preparação da refeição que, não é preciso dizer, não vai indo nada bem. O marido aparece em cena e diz carinhosamente: "Parece que vamos ter "manjar" esta noite". Se você fôsse a espôsa, como se sentiria? Se você fôsse o marido, qual a resposta que acharia apropriada à situação?

Compare essa cena com outra, similar, entre dois recém-casados. Desta vez a espôsa serviu mesmo "manjar." — era um assado caro demais para ser jogado fora. O marido, entretanto, conquistou as boas graças da mulher por muito tempo. Depois de comer silenciosamente durante alguns momentos, êle disse com um sorriso moleque: "Querida, êste é o melhor assado queimado que eu já comi!"

A vida de casado com sua grande intimidade, deixa-nos vulneráveis às respostas, tanto nos bons como nos maus momentos. Há ocasiões em que um não tem razão e o outro pode dizer: "Eu lhe disse!" Há ocasiões em que um dêles teve uma excepcional experiência emocional e está ansioso para comunicá-la. Não haverá comunicação se não houver uma apreciação emotiva por parte do outro. Já experimentou, alguma vez, comunicar a alegria de uma notável reunião de testemunho ou de uma terna convivência com crianças? No íntimo pode existir um calor e uma ternura que você esteja ansioso para transmitir. O que você faz ou deixa de fazer depende em muito grande parte da receptividade demonstrada pela pessoa que o ouve.

Tanto nas piores como nas melhores experiências da vida de casado, procuramos uma resposta compreensiva. Se ela fôr dada, a vida caminhará no sentido de uma intimidade afetuosa. Se ela não fôr dada, entraremos numa vida rotineira, baseada no que parece certo e que nos faz pôr de lado os nossos mais ternos sentimentos. Temos procurado achar a palavra que descreva êste desejável quociente emocional no casamento. Companheirismo, participação e outras palavras têm sido muito usadas. Elas são porém, de tão ampla significação que nós procuramos estreitá-las, até conseguir uma que reflita melhor esta resposta particular. A palavra mais próxima, disponível no momento é "empatia". A simpatia é imediatamente compreendida. Simpatizar é sentir-se triste, apiedar-se, e assim por diante, pela pessoa colhida numa situação desagradável. Empatizar é apreciar como os outros sentem-se e dar respostas que tornem as pessoas agradecidas.

O nosso personagem do assado queimado não podia negar o fato; pesando, porém, quanto sua espôsa poderia sentir, foi capaz de encorajá-la, insinuando que ela podia fazer um assado queimado melhor do que outra mulher. Ela precisava um tapinha nas costas e êle o deu!



SEGUNDO ARTIGO DE UMA SÉRIE
POR J. JOEL MOSS,

Professor de Desenvolvimento Humano e Relações Familiares na Univercidade de Brigham Young

E QUEIMADO QUE JÁ COMI"?

O Q.E. ou quociente emocional no casamento, então, envolve simultâneamente sentimento e resposta comunicativa. A possibilidade de ter tais sentimentos, provàvelmente, não é dada a todos no bêrço. Se eu não estivesse, porém, certo que podemos aprender a sentir mais e a comunicar melhor, cessaria de vos falar e dispenderia todinho o meu tempo com as criancinhas.

Os sentimentos e os aspectos comunicativos da empatia estão refletidos no seguinte caso de um casal que tinha requerido divórcio. Movidos por um sentimento de obrigação, foram consultar um conselheiro. Êste achou difícil dizer quem tinha razão. Finalmente, porém, achou que o marido estava convencido que a mulher não o amava mais. A espôsa protestou que isso não era verdade. O conselheiro, então, perguntou ao homem quando foi que êle percebeu, pela primeira vez, que ela não o amava. "No dia em que voltamos para casa depois da lua de mel, quando ela se recusou a levantar-se e a trazer o meu pequeno almôço."

A espôsa imediatamente perguntou, "Por que você não disse logo que tinha interpretado assim?" O marido respondeu, "Eu não me casei para modificar ninguém."

O conselheiro experimentou demonstrar que todos mudam um pouquinho devido às experiências da vida em comum e que todo casal deverá preparar-se para essa mudança. "Não na minha família," disse o marido. "Êles não mudam. Minha mãe sempre fêz questão de cuidar muito bem de meu pai."

Verificou-se mais tarde que o marido vinha de uma família na qual a mãe levantava-se cedo e preparava o desjejum que ambos saboreavam juntos.

A espôsa provinha de um dêsses lares em que o marido levanta-se primeiro e prepara o seu próprio desjejum. Um pouquinho mais tarde, êle chamava sua espôsa no escritório e ambos se entretinham num agradável "batepapo", uma espécie de interlúdio romântico, durante o dia.

As experiências crescentes do casal preparou-os para verem a situação de maneira diferente, o que vem provar o princípio de que há sempre duas e talvez mais realidades para a mesma situação. Ao que tudo indica, êles nunca aprenderam a confiar.

Se, expontâneamente, ela fôsse buscar o desjejum, isso teria uma grande significação para êle, enquanto que assim, êle sentiu-se menosprezado e procurou provar que a espôsa não o amava.

Suponhamos que fizéssemos uma lista de tôdas as pequenas coisas que possam indicar que o nosso parceiro não nos ame. Em poucos dias a lista pode ficar muito grande. "Êle não me disse se o jantar estava bom." "Ela não me saudou quando cheguei." "Êle esqueceu o lixo, e eu tenho de o levar para fora." "Êle esqueceu de me apresentar, à noite passada — senti-me tão atordoada!" "Ela está apenas interessada no meu dinheiro, não em mim." E assim por diante.

Êste caso mostra que todos nós procuramos certas respostas emocionais. Quanto mais um parceiro possa sentir e, de alguma maneira responder representando um papel desejado, maior comunicação haverá no casamento.

Contrastando com êste caso está a tentativa feita por um de meus amigos no sentido de construir mais de um Q.E. (quociente emocional) nas suas relações. A sua abordagem reflete a idéia do pensamento positivo que pode, em muitos casos, acrescentar profundidade emocional às relações.

Seguindo uma conferência sôbre a vida familiar, que o deixou desafiado, êle decide tomar a si a tarefa de dizer aos outros, mais freqüentemente, que os ama. Pouco depois encontra um amigo a quem sempre admirara, mas com o qual não tinha muito contato.

Relembrando o plano e fazendo apêlo à sua coragem, dirige-se a êle e pondo a mão no seu ombro, diz, "com efeito ... você sabe, eu sempre gostei e admirei você. Pensei que era o momento de dizer-lhe." Estou certo que o outro indivíduo olhou para o chão e gaguejou qualquer coisa.

É curioso, como é difícil olhar nos olhos de alguém que nos diz coisas bonitas. Talvez seja porque tenhamos mêdo que os nossos sentimentos sejam vistos na superfície, nesses momentos! Alguém perguntou ao meu amigo se êle realmente queria dizer a mesma coisa quando disse ao outro indivíduo que gostava dêle. Êle respondeu, "Sim, porém não tanto como depois que conversamos durante um momento." Um grande quociente emocional surgiu em suas relações pelo fato de um ter tomado a iniciativa de dizer o que sentia.

O meu amigo experimentou fazer a mesma coisa com sua espôsa e com seu filho e afirma que dá resultado. Um notável cientista, alguns anos atrás, ensinou um princípio que pode nos ajudar a compreender porque êsse princípio funciona. "Se uma coisa é definida como real", disse êle, "ela é real em suas consequências." Certo homem tem uma espôsa agradável, se porém, êle a acha rabujenta responderá como se ela o fôsse. Se cismar que ela é um móvel da casa, parecido com uma lareira, sofá ou mesa, a tratará como se ela fôsse o móvel imaginado e não como pessoa.

Isso mostra que o que sentimos com referência às pessoas não é o resultado do que elas são ou do que elas fazem e sim daquilo que nós queremos ver nelas. Em nossa era de perguntas douradas, certo escritor disse algo que sinto ser uma frase dourada: "O que existe em mim que me faz ver você como eu quero?" Nenhuma mulher é, provàvelmente tão bonita como pensa seu marido. — Se êle sente que ela é bonita. Nenhum homem é tão preguiçoso como a espôsa sente que êle é — se ela o acha preguiçoso. Alertamos para o fato de nós contribuirmos com nossa perspectiva para que cada situação nos ajude a ver onde a mudança pode vir. Esta sempre começa com aquêle que deseja mudar.

Em nenhum lugar isto é melhor constatado do que nas palavras de Jesus... "Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós..."

O interêsse pelos outros requer mais do que simpatia; requer empatia, de tal maneira que seja criada uma situação na qual as relações possam crescer em profundidade e beleza. Tal crescimento, certamente demanda compreensão e a aceitação de certas qualidades acêrca de nós mesmos e dos nossos parceiros.

Falando de experiências felizes em casamentos, quando gostaríamos de transmitir grandes sentimentos, acho que devido à timidez, peculiar à mocidade, eu nem sempre posso expressar o que sinto. Estou certo de que haverá muitos outros, inclusive alguns que não são tímidos, que têm as mesmas dificuldades. Às vêzes eu gostaria de expressar o que sinto e vejo que não posso, realmente, dizer o que queria. Para não ficarmos parados, chegamos a um ponto que digo, "Querida, gostaria de lhe dizer algo, mas não sei o que é." No decorrer da conversação vejo que ela gentilmente me ajuda com perguntas e encorajamento, e gradualmente consigo dizer, não com a beleza de ex-

pressão que eu gostaria, mas enfim digo o que quero. Como conseqüência, partilhamos algo, pois pude falar de um assunto que, de outra maneira não teria feito e as nossas relações ganharam maior profundidade.

Isso não aconteceria se ela não tivesse empatizado e me ajudado a dizê-lo.

Se ela me criticasse, desafiasse ou interrompesse meu raciocínio, eu poderia fàcilmente fechar-me numa concha emocional e recusar-me determinadamente a sair.

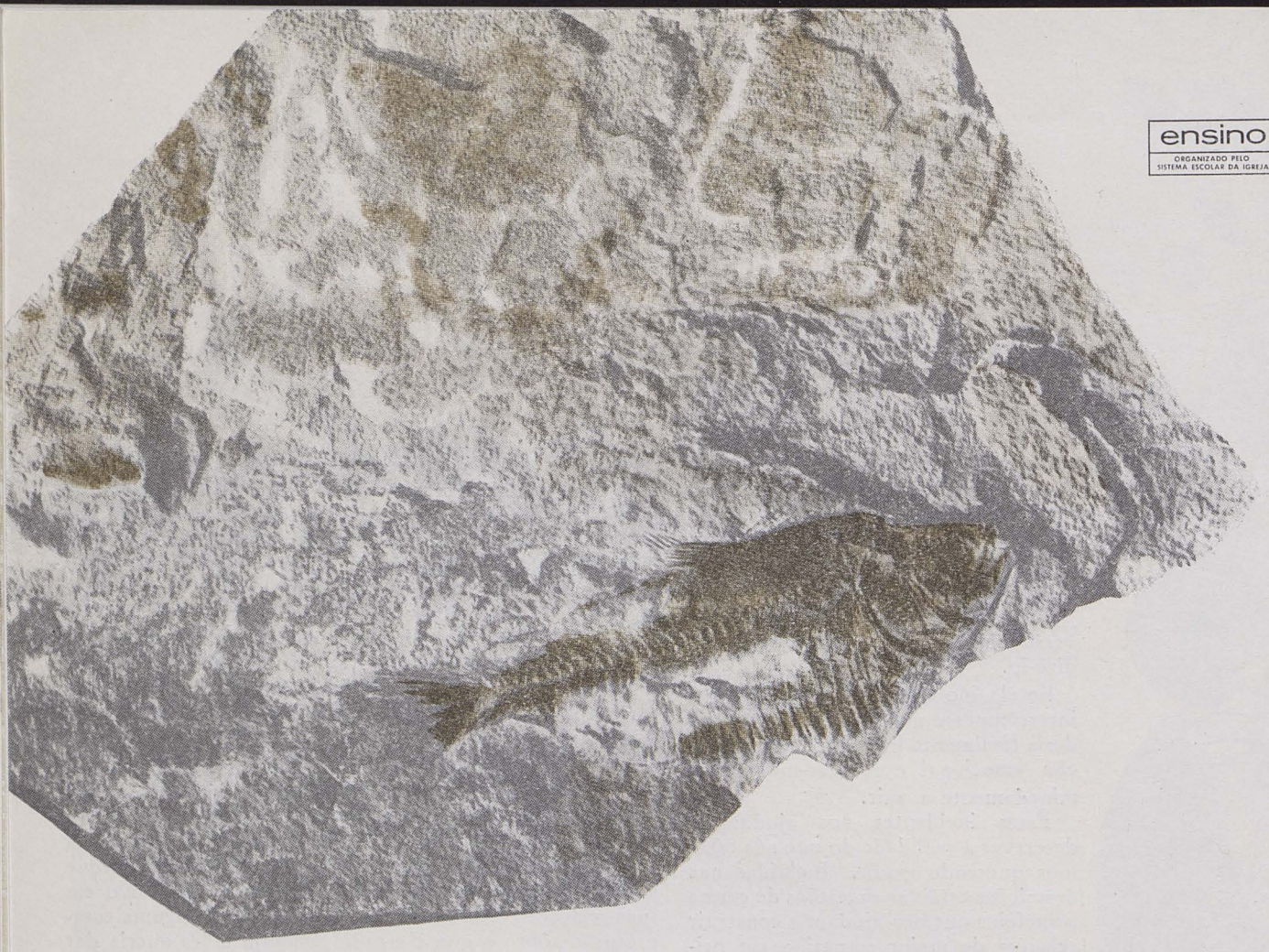
Êstes incidentes nos ajudam a descrever a realidade do que nós estamos querendo expôr. Incluídas nas descrições estão as sugestões de certos princípios que nos ajudam a construir relações de maior empatia; em primeiro lugar está o reconhecimento de que o fato de ter relações de empatia não significa que não haja conflitos. Os desentendimentos entre os componentes de um casal propiciam, muitas vêzes, a oportunidade através da qual cada um aprende a apreciar o outro e a empatizar com êle. Como ensinou Jesus, "Pois, se amardes os que vos amam, que galardão havereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?" (Mat. 5:46) Mostrar aprêço pelos outros requer empatia com o que são e onde estão, de preferência a como gostaríamos que fôssem como pessoas. Não fôssemos nós abençoados com diferentes personalidades, teríamos pouco para compreender e menos para empatizar — pouco para nos puxar para fora de nós mesmos em direção ao mundo de significação e de esperanças dos outros. Jesus e os professôres modernos nos ensinam que devemos nos entregar a algo maior do que nós mesmos se quisermos ter riqueza e grandeza em nossas vidas.

Um segundo princípio para construir o Q.E. (Quociente Emocional) em uma relação, é ligá-lo como os nossos ensinamentos concernentes à justiça e ao perdão. Embora haja sempre um elemento básico de justiça a considerar, Jesus ensinou que é o perdão que abre o coração do homem (inclusive o nosso) e constrói relações. Em têrmos mais práticos isto sugere, que quanto mais o indivíduo está preocupado com os seus direitos num casamento, menos o desejado quociente emocional fluirá dentro dêle. Preocupação por seus direitos e empatia parecem incompatíveis um com o outro. Para empatizar, o indivíduo dificilmente poderá ser embrulhado em seus próprios pensamentos no que se refere à correção ou à beleza da situação.

Em nosso mundo moderno, que tanta importância dá à igualdade, estamos seguidamente preocupados com o que é bonito e com o nosso "status" em qualquer situação. Há alguns anos pude dar conselhos a um par casado havia quinze anos. Depois de algum tempo deixei-os ir porque não pude conseguir que experimentassem algo nôvo em suas relações. Embora fôssem capazes de ter alguma compreensão sôbre o que é errado, nenhum dêles queria dar o primeiro passo porque cada qual achava que o outro é que deveria fazê-lo. Em conversa com outros conselheiros êles também observaram que mesmo depois de as pessoas terem desenvolvido a compreensão, a vida exige que alguma ação seja praticada por alguém, ou as coisas permanecerão inalteradas. Esta é colina na qual as pessoas precisam ser empurradas ou ajudadas a subir. Uma senhora escreveu: "Que você faz enquanto espera que a outra pessoa diga, Sinto muito? Êle estava errado. Êle não deveria ter dito aquilo tudo e com tôda a justiça, deveria ser o primeiro a pedir desculpas. Assim, você espera; Mas, o que fazer quando não se pode evitar a pena de ser pôsto à margem e ainda sentir que o outro poderá dizer, 'Sinto muito,' aliviando a tensão?" Vamos ver, novamente, a resposta de Jesus: "... 'Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós..." (Mat. 7:12) Ou, como uma sábia mulher respondeu à pergunta, "Por que esperar?' Vá e diga que você sente muito e prossiga." Infelizmente, algumas pessoas acham dificílimo dizer, "Sinto muito" ou tomar o prumo e destrinçar situações emocionais. Nessas ocasiões êles pedem uma apreciação de seus casos, pedem empatia para seus problemas de viver com êles mesmos. O senso de justiça e de "fair play" pode tornar-se, em alguns casos, um espinho impedindo as boas relações. Ninguém aconselharia nenhum dos cônjuges a passar a vida num inferno.

Há, entretanto, muitas experiências de fé e perdão que podem ser feitas antes de terminar. O individuo

(*continua na pág.* 36)



O Evangelho e a Idade da Terra

Por Henry Eyring
Deão da Escola Graduada,
Universidade de Utah

Nota: A idade da terra é um fascinante estudo e o tem sido desde que foi primeiramente debatido na antiguidade. A discussão é reaberta novamente cada vez que uma velha verdade é redescoberta ou uma nova teoria é aplicada. "Quão Velha é a Terra?" (The Improvement Era, outubro de 1964, página 828) por Paul Cracroft apresentou um ponto de vista sôbre o assunto, expressado pelo Dr. Melvin A. Cook, professor de metalurgia da Universidade de Utah. Aqui é apresentado o ponto de vista do Dr. Henry Eyring, Deão da Escola Graduada, Universidade de Utah, outro santo dos últimos dias cujas contribuições no campo da ciência são conhecidas e procuradas mundialmente. Tanto quanto é conhecido, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias jamais tomou uma posição oficial sôbre a idade da terra. Doyle L. Green, Editor Gerente.

A história registrada abrange parcamente um momento da eternidade. As escrituras registram as relações de Deus com seus filhos até um "Comêço" há uns seis mil anos atrás, mas dispensam o longo prólogo em uns poucos parágrafos curtos. A informação escriturística que nos é dada concentra-se no plano aceito para a nossa peregrinação terrestre e desdobra um programa de progresso eterno na vida vindoura. Êste desdobramento das possibilidades ilimitadas estende-se recuando no tempo até a vida pré-terrestre.

Mas o que dizer acêrca da própria terra? As escrituras nos contam de seis períodos criativos seguidos de um período de descanso. Durante êstes períodos a terra foi organizada e tomou essencialmente sua forma atual. Os relatos da criação nas escrituras modernas servem para corroborar o relato bíblico. Na versão da Bíblia do Rei Tiago, a frase "períodos criativos" é traduzida por "dias". O uso dêste têrmo tem levado a pelo menos três interpretações. Na primeira, os dias são ideados como significando o dia comum de 24 horas. Na segunda, os dias da criação são interpretados como períodos de mil anos, segundo declarações tais como ocorre em II Pedro 3:8 "... um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia." A terceira interpretação aceita os "períodos criativos" como tempos de extensão não especificada e procura no estudo da própria terra dar significado adicional aos relatos escriturísticos extremamente breves.

A aceitação da verdade seja de qual fôr a fonte é a meta constante do santo dos últimos dias meditativo. Desde que Deus organizou o mundo, não pode haver contradições na Sua mente. O nosso problema é abordar Seu discernimento mais profundo. À medida que isto é alcançado espera-se que tôdas as contradições desapareçam.

Nos tempos antigos alguma variação das duas primeiras interpretações era universalmente apoiada pelo mundo cristão. Isto não é mais verdade. Na escola e nas publicações seculares a terceira explicação é geralmente a aceita. Conseguintemente, qualquer que possa ser o nosso próprio ponto de vista, precisamos conhecer o ponto de vista apresentado aos nosso filhos, se devemos ser seus conselheiros eficientes.

Todo processo que ocorre no mundo requer tempo para executá-lo e é necessàriamente de duração mais curta que a extensão da vida da terra. Assim, as sequoias gigantes que crescem na Califórnia são conhecidas por viverem 3 000 anos a contar-se pelos seus três anéis. Por conseguinte, a terra tem mais de 3 000 anos de idade. É bastante interessante que as sequoias não são as mais velhas árvores conhecidas. Um tipo de pinheiro, que é encontrado em certas partes da Califórnia, Nevada e Utah, tem produzido espécimes que têm no mínimo 4 600 anos de idade. Isto é mais que um têrço dos treze milênios algumas vêzes tomados como idade da terra. Um dos últimos dados sôbre a espessura cumulativa das rochas que jazem como sedimentos é de cêrca de 450 000 mil pés, ou cêrca de 135 quilômetros. A taxa de deposição de rochas varia enormemente com o tempo e o lugar, mas não é desarrazoada a taxa média de um pé cada 250 anos. Isto conduz a uma estimativa bastante grosseira de 112 000 000 de anos como sendo o tempo requerido para depositar todos os sedimentos conhecidos.

O fato de que uma árvore possa permanecer num lugar por mais de quatro mil anos sem ser sèriamente perturbada pela erosão leva-nos a contemplar com espanto os milhares de anos requeridos para depositar os estratos do Grand Canyon, e em seguida erodir êstes estratos novamente.

Uma maneira mais quantitativa de avaliar a idade dos estratos e outras estruturas da terra é pelo uso da desintegração radioativa dos vários elementos. Uma anologia ilustrativa de como a desintegração radioativa se processa poderá ser útil. Se olharmos uma fogueira e notarmos que a metade da madeira é queimada na primeira hora e que uma hora depois a metade da remanescente vira cinzas, poderíamos dizer que a fogueira obedece à lei da desintegração radioativa. Esta lei declara que em um dado período de tempo a mesma fração do combustível é transformada independentemente das circunstâncias. Por outro lado, medindo-se o combustível remanescente na fogueira e a quantidade de cinzas produzidas, pode-se deduzir a fração de combustível consumido e assim estimar há quanto tempo ha fogueira estêve queimando. Ora, todos os elementos radioativos comportam-se como a nossa fogueira hipotética, no que concerne à independência das condições existentes, a mesma fração dos elementos radioativos é sempre transformada num elemento derivado num dado intervalo de tempo. O elemento derivado é as cinzas do fogo radioativo; por exemplo, metade do potássio de pêso atômico 40, transforma-se em argônio 40 num período de 1 300 milhões de anos, e a metade do que resta é transformada nos 1 300 milhões de anos seguintes. Êste período de 1 300 milhões de anos é chamado de semiperíodo de desintegração radioativa do potássio 40.

Ora, um minério que contenha potássio quando cristaliza é ordinàriamente libertado de todo o argônio gasoso. Com o passar do tempo o potássio 40 transforma-se em argônio 40 numa taxa determinada pelo seu semiperíodo de desintegração radioativa. Se o cristal não vazar para que o argônio liberado seja retido dentro do cristal, pode-se fundir o cristal, medir a quantidade de potássio e a quantidade de argônio, e assim determinar a idade do cristal.

Assim, se quantidades iguais de argônio 40 e de potássio 40 são encontradas, a cristalização ocorreu a 1 300 milhões de anos atrás. Se resta apenas um quarto do potássio, 2 600 milhões de anos se passaram desde que ocorreu a cristalização do minério, e assim por diante. Claramente falando, qualquer minério contendo potássio constitui-se num pequeno relógio embutido que podemos usar para ler o tempo da formação do minério cristalino.

Muitas complicações podem levantar-se para fazer o relógio fornecer o tempo incorreto. Dessa maneira, se alguma porção de argônio ficou prêsa no cristal quando da formação dêste, o relógio fornecerá um tempo demasiadamente longo. Se alguma porção escapou desde que ocorreu a cristalização, o tempo indicado será muito breve.

Não obstante, mediante cuidadosa escolha de elementos com semiperíodos de desintegração radioativa apropriadas, pela cuidadosa seleção do cristal usado e pela verificação, isto é, pelo uso de mais de um relógio, uma escala de tempo razoàvelmente consistente para a formação dos estratos no mundo tem sido conseguida.

Segundo a datação radioativa, as mais antigas rochas portadoras de fósseis, do chamado Cambriano inferior, têm cêrca de 600 milhões de anos de idade, e os geólogos julgam que a vida tem existido contìnuamente, tal como é mostrado pelos fósseis encontrados em camadas sucessivas de sedimentos depositados desde o período Cambriano.

A mais antiga vida encontrada no estrato Cambriano era de forma muito simples e aumentava em complexidade com os anos, segundo o registro fóssil. Eventualmente, isto é, há cêrca de 100 milhões de anos atrás, os monstruosos dinossauros caminharam sôbre a terra, sòmente para, por sua vez, desaparecerem ao serem deslocados por novas formas de vida, melhor adaptadas às condições cambiantes.

A maioria dos cientistas que usam êste e outros tipos de evidências, concordam que a idade da terra é de aproximadamente quatro e meio bilhões de anos. Por outro lado, a exata idade da terra é evidentemente de tão pequena importância que as escrituras esboçaram a história da terra sòmente nos mais breves têrmos. As atuais acaloradas controvérsias religiosas sôbre o assunto serão indubitàvelmente resolvidas a seu tempo e parecerão tão esquisitas quanto as discussões medievais sôbre a forma da terra nos parecem agora.

Se a queda do homem significa tornar-se sujeito à morte, então a queda chega a todo filho de Adão que deixa o mundo espiritual para receber um corpo mortal. Se a expiação significa vencer a morte, então "... assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1 Cor 15:22) é igualmente verdadeiro para qualquer que seja a idade da terra. O evangelho de Cristo estará iluminando o mundo muito tempo após êste e outros intrincados problemas terem deixado de nos agitar.

Página Feminina

CORAÇÃO FECHADO

Conclusão

Shirlay Thulin

Joana correu até o escritório do dr. Nilo. Em uma hora mudara de idéia umas dez vêzes, a respeito de sua demissão. Corria, agora, para não mudar de idéia novamente. Davi a alcançou.

"Onde você consegue tôda essa energia, logo de manhã?" perguntou. Marcelo quer falar-lhe.

"Eu o verei durante as visitas," respondeu Joana.

"Êle disse que quer vê-la agora... algo errado, Joana?"

"Creio... creio que posso vê-lo agora. Êle disse o que queria?"

"Não, mas êle está feliz ùltimamente, graças a você."

"Não se esqueça de que foi você quem teve a idéia da escola."

"Sim, mas você o convenceu," riu êle. "Até mais tarde."

Joana hesitou um momento, antes de ir ao quarto de Marcelo. Queria estar em perfeito domínio de si mesma antes de falar com êle. Êle não poderia saber que iria deixar o hospital.

"Olá, Marcelo, o dia está lindo hoje, não?" foi dizendo ao entrar.

"É hoje que você vai?"

"Sim, dentro de uma hora, por isso queria vê-la antes de partir,"

"Dentro de uma hora? Tão cedo?"

"Sim, ia hoje à noite, com Corina e o dr. Décio, mas minha mãe e meu tio virão até aqui."

"Ótimo, Marcelo. Sentirei falta de você. Vai me escrever, não?"

"Virei vê-la tôdas as vêzes que passar pela cidade."

"Será...será ótimo."

"Joana... sabia a respeito de Corina e do dr. Décio?"

"Sim... sabia... quem lhe disse?"

"Bem, a gente vê um bocado de coisas quando abre os olhos. Você gosta dêle, não?"

"O dr. Décio é um ótimo médico."

"O que quero dizer é que você realmente gosta dêle, não? Êle também gosta de você..."

"Marcelo, ainda não tomei o meu desjejum e tenho muito que fazer..."

"Joana, você está querendo ficar solteirona?" brincou o rapaz.

"Marcelo!"

"Sabe, algumas vêzes me pergunto o que teria acontecido comigo se você não tivesse vindo até aqui. Lembra-se como costumava ficar zangado como você?"

"Sim, lembro-me."

"Costumava pensar: quem ela pensa que é? Sabe o que me fêz acreditar nas coisas que você dizia?

"Não, não sei: o que foi?"

"Certo dia você sorriu para mim. Foi no dia que me disse que iriam tirar-me o gêsso. Gosto do seu sorriso, Joana!"

Joana estava embaraçada. Tentou brincar: "Meu sorriso é tão bonito assim?"

"Vi-a sorrir apenas algumas vêzes. Você era quase como o dr. Nilo. Êle quase nunca sorri, mas é um ótimo amigo; o que faria se todo mundo ficasse falando de duas pessoas e desejasse dizer-lhes que estão errados, sôbre elas? O que faria?"

"Essa é uma pergunta que não faz sentido."

"Bem quero dizer... todo mundo pensa que o dr. Nilo é muito sisudo, mas não é. É que êle nunca demonstra o que pensa."

"Como você sabe?"

"Porque êle sempre vem aqui."

"Êle vem?"

"Sim. E todo mundo pensa que você... bem, que você também é assim, mas não é. Até mesmo pensaram que você não se incomodou, quando Hugo morreu, mas sei que não é verdade." Marcelo ficou pensativo." E agora Corina está ficando assim..."

"Marcelo às vêzes essas coisas acontecem..." Estava pensando no que o dr. Décio dissera a respeito de seu coração fechado. "As pessoas mudam, Marcelo."

"A gente pode voltar a ser o que era antes?"

"Às vêzes. Suas malas estão prontas?" Joana mudou de assunto.

"Desde ontem à noite. Corina ajudou-me."

"Você vai à Universidade?"

"Sim. Espero passar nos exames vestibulares."

"Tenho certeza que passará."

"Davi vai ajudar-me. Vamos pedir a mamãe que o deixe ficar conosco na fazenda, no fins de semana e também ficaremos juntos na Universidade. Poderemos morar lá."

"Oh, será maravilhoso. Sinto até vontade de começar a estudar novamente. É sempre tão excitante... o comêço de nôvo ano letivo."

Joana saiu logo. Seu adeus fôra breve e, quando Marcelo prometera visitá-la, não conseguiu dizer-lhe que não mais estaria alí.

Novamente em direção ao escritório do dr. Nilo, lembrou-se o que havia dito a Marcelo.

O dr. Nilo estava com a cabeça

baixa, examinando alguns papéis. Quando êle levantou os olhos, não conseguiu dizer nada.

"Sim?" sua voz tinha o mesmo timbre do primeiro dia que havia entrado em seu escritório: fria e impessoal. Seus olhos eram os mesmos. Houve uma época em que pensara que havia amizade em seus olhos, mas agora, não.

"Dr. Nilo, vim falar sôbre... minha demissão."

O médico descansou a caneta e olhou-a um momento. "Por que, dona Joana? Onde planeja ir?"

"Eu... não sei exatamente... isto é..." Sentiu seu queixo tremer. Lembrou-se das semanas que passara planejando, antes de ir para Pilares; desta vez, nem ao menos havia pensado aonde iria.

"Talvez só precise de um pouco de descanso... talvez umas férias..."

"Não. Não são férias que preciso. Quero ir embora daqui." Seus olhos estavam queimando por causa das lágrimas, mas Joana evitou que começassem a cair.

O dr. Nilo olhou-a por um longo momento; voltou a olhar seus papéis. Disse a Joana que ela é quem decidia. "Vou preparar os papéis necessários," disse e voltou ao trabalho, como que a mandando retirar-se.

Joana sentiu-se zonza. Saiu do escritório e andou um ou dois passos. Sentia a raiva fervendo dentro de si. O que esperava que êle dissesse? perguntou a si mesma. Mas ela sabia... esperara que êle lhe desse um argumento para poder ficar.

"Joana!" Era Corina.

"Sim?" Surpreendeu-se com o tom da própria voz. Parecia o tom de voz do dr. Nilo.

"Queria... queria saber se por acaso já tinha ido ver Marcelo. Êle já vai embora."

"Sim, já me despedi dêle. Êle está ótimo, não acha?"

"Joana, Décio lhe disse alguma coisa esta manhã... quero dizer..."

"Sôbre vocês dois? Sim; disse que iria falar com você para casar-se com êle. Creio que já falou, não é?"

"Sim. Êle não precisou insistir muito, você sabe, não é?" Corina sorriu e seus olhos estavam brilhando." Êle pediu-me em casamento por sôbre uma pilha de papéis, na sala de arquivos." riram.

"É maravilhoso, Corina. Sei que serão felizes. Êle é um ótimo rapaz."

"Você realmente pensa assim? Está feliz por mim?"

"É claro, por que pergunta?"

"Porque pensei... que você estivesse apaixonada por êle."

"Certa vez pensei mesmo que estivesse, ou que poderia estar, mas não, Corina. Não estou apaixonada pelo fabuloso. dr. Décio Domingues."

"Então quer ser dama de honra? Vamos ter a maior cerimônia que você já viu."

"Obrigada, Corina. Não lhe disse que talvez não esteja aqui para o casamento".

A manhã passara. As suas sensações continuavam a importuná-la até que, quando chegou a hora do almôço, estava com os nervos em frangalhos. Percebera que não havia comido nada até aquela hora e nem sentia fome mas, talvez por hábito, dirigiu-se ao refeitório.

Corina e o dr. Décio estavam em seu canto favorito. Sùbitamente, ao vê-los juntos, sentiu que seus pensamentos voltavam ao lugar. Soube por que ficara tão zangada com o dr. Nilo. Sabia porque estava contente por ter dito a Corina que não estava apaixonada pelo dr. Décio. Agradecia a Marcelo, pelo que este havia dito a respeito do dr. Nilo, de não demonstrar o que realmente sentia. Começou a andar em direção ao escritório dêle, com passos mais leves. Estava com mêdo, mas sabia que teria que dizer o que ia em seu coração, pois sabia que êle nunca o faria. Quase mudou de idéia, quando levantou o braço para bater na porta. Sentiu a garganta sêca, quando êle disse em tom ríspido que entrasse.

O dr. Nilo estava voltado para a janela; virou-se quando ela entrou. Seus olhos estavam diferentes, como nunca os havia visto antes. De repente, desejou não ter vindo. "Sim?" disse êle.

"Queria falar-lhe sôbre minha demissão. Eu... mudei de idéia."

"Tem certeza?"

"Sim, plena certeza... Eu..." Tentava ler em seu rosto, procurando ver algo, algo que lhe mostrasse que estava certa, mas nada viu. "Eu..."

"O que é, dona Joana?"

"O senhor já ouviu sôbre Corina e o dr. Décio?"

"Sim. Êle estêve aqui ontem à noite e falou-me sôbre seus planos."

"Estou feliz por êles." Joana tinha mêdo de estar agindo como criança. Mas sentiu que não podia sair dali, sem dizer o que decidira dizer-lhe, pois para isso voltara.

"O dr. Décio e Corina encontraram o amor e por um momento tive mêdo que não encontrassem. Refiro-me ao modo como Corina estava agindo ùltimamente". Parou de falar, esperando que êle dissesse alguma coisa para ajudá-la, mas não o fêz. "O senhor sabe, a gente não pode viver assim. Como Corina estava começando a fazer... O que quero dizer é que quanto mais uma pessoa tenta ser dura, para não ser magoada, mais ela é magoada e magoa os outros. Nós simplesmente temos que aguentar os sofrimentos também..." Joana começou a sentir as lágrimas rolando em suas faces.

O dr. Nilo aproximou-se dela. "Faz tempo que sei disso. Hoje, quando você entrou aqui, eu..." Voltou à escrivaninha, mas não sentou-se. "Joana, estive errado tanto tempo, que não sabia como fazer o certo. Quando você veio aqui esta manhã, queria dizer-lhe... Meu mundo pareceu desabar e fiquei ali, sem poder dize-lhe nada..."

"Compreendo. Sei como você se sentiu... Foi o mesmo comigo."

"Quando você disse que queria ir embora, pensei que fôsse por causa de Corina e do dr. Décio. Não era?"

"Não. Apenas queria fugir novamente. Tentar encontrar um lugar para mim... tentar encontrar alguém..."

O dr. Nilo veio mais perto de Joana e abraçou-a, como se tivesse mêdo de mudar de idéia, se não a tivesse bem junto de si. "Joana, você acha que pode ensinar-me a sorrir? Você o fêz uma vez, não?"

"Sim, lembro-me..." E ela lembrou mesmo daquele sorriso... e lembrou do calor que sentia sempre que estava perto dêle.

"Você me ensinará, Joana?"

"Sim, claro que sim..."

"Ótimo. Resolvi aceitar sua demissão."

"Você... você o que?"

"Você não terá tempo de trabalhar no hospital; estará muito ocupada sendo minha espôsa. E você será, não é?"

"Oh, sim,... se..."

"Se o que..."

"Se você abrir o meu coração."

Êle sorriu, então e foi um sorriso maravilhoso.

A PARTIR DE

NOVAS VOZES D

Parte III - Sigilo na Igreja Primitiva (conclusão)

A tradição secreta. Recentemente dois eruditos católicos, em obras separadas, salientaram que conquanto sua igreja possa ter adquirido grande conhecimento e sabedoria através dos séculos, persiste o fato de que os apóstolos, que estiveram mais próximos do Senhor do que qualquer outro homem jamais pôde estar, possuíam um conhecimento de Cristo e seus ensinamentos necessàriamente único e inigualado nas eras que se seguiram.[84] Se assim fôr, quem poderá negar que algo de vital e importante perdeu-se com o passamento dos apóstolos? A par disso, deve-se considerar a idéia da *Disciplina Arcana*, a existência na Igreja de uma tradição *não registrada*, transmitida desde o tempo dos apóstolos.[85] Certos Padres da Igreja deram muita ênfase a isto, especialmente São Basílio. "Onde nas escrituras", pergunta "êle, encontra-se a oração do Sacramento? Onde se acha uma descrição do rito batismal? Em que lugar estarão certos símbolos, como o sinal da cruz? Não vêm todos ensinamentos não publicados e inexprimíveis (secretos) que nossos padres preservaram para nós em silêncio"?[86] Por que em silêncio? Por que sem registro? Para impedí-los de cair em mãos indígnas, assegurando-se o mais estrito sigilo de transmissão.[87] Por volta do século quarto, Atanásio adverte: "Não se deve declarar os mistérios ao não iniciado, para evitar que estranhos que não os compreendem façam troça dêles, enquanto confundem e escandalizam os investigadores."[88]

Basílio denomina isto "tradição secreta" e insiste em que a tradições

ECUMORAH

ES DO PÓ

CIÊNCIA E RELIGIÃO

Hugh Nibley
professor de História e Religião na Universidade de Brigham Young

escrita e não escrita permaneçam juntas e sejam tratadas com igual respeito, já que uma não pode ser compreendida sem a outra.[89] Notáveis teólogos através dos séculos não hesitaram em aumentar seu prestígio clamando possuir tais conhecimentos e, na verdade, não existe qualquer objeção à admissão da existência de ensinamentos secretos, não registrados, remontando ao tempo dos apóstolos, contanto que se admita que a Igreja é que os possui — — enquanto forem propriedade dos clérigos, os clérigos estão dispostos a admitir sua existência. O único impecilho aqui é que, quando aquêles que clamam possuir êsses tesouros são intimados a mostrá-los, fazem apenas como os antigos gnósticos, em idênticas circunstâncias: ao invés de apresentar os antigos ensinamentos cristãos ou judaicos genuínos, simplesmente iludiam o público com filosofias das escolas, enfatiotadas com algum jargão eclesiástico. Basilides, por exemplo, proclamava haver sido secretamente instruído pelo apóstolo Mateus em coisas que aquêle discípulo, por sua vez, havia recebido confidencialmente do Salvador, mas quando tentou expôr alguns dêsses maravilhosos ensinamentos, apenas conseguiu tomar de empréstimo as Categorias aristotélicas.[90] Da mesma forma, os filósofos da Idade Média supunham estar explorando o âmago do mistério cristão, quando expunham filosofia escolástica.[91] Êles admitiam a existência do mistério e diligentemente procuravam-no, sem nunca chegar sequer a se aproximar dêle.

Atêrro do palácio do Rei Herodes, ao norte de Qumran. Foi aventado que a proximidade do palácio com a sua comunidade, fêz com que o povo de Qumran se mudasse.

A fim de explicar a existência de uma "disciplina arcana" na Igreja, ao mesmo tempo em que se sustentava que o Senhor ordenara que nada fôsse escondido do público, considerou-se conveniente argumentar que havia, na verdade, um ensinamento secreto, mas que fôra introduzido na Igreja pelas escolas catequéticas do terceiro século.[92] Se, no entanto, consultarmos os homens responsáveis pela sua introdução nessas escolas, descobriremos que êles não estavam inventando a coisa, de forma alguma, mas seguindo conscienciosa e cuidadosamente o que acreditavam ser o velho ensinamento secreto dos apóstolos, que remontava aos primórdios da Igreja. Clemente de Alexandria explica que, escondendo certas coisas do público em geral, está meramente seguindo a prática e as instruções dos próprios apóstolos.[93] Realmente, não há falta de exemplos da existência de sigilo na Igreja *antes* do terceiro século. A grande maioria dêsses exemplos, na verdade, deriva do período anterior. Citamos alguns dêles acima.[94]

Para o argumento de que o Senhor impôs sigilo aos apóstolos apenas até a ressurreição, temos a resposta das Escrituras e da extensa literatura apócrifa dos "quarenta dias", isto é, a mais antiga de tôda a literatura cristã, de que a ênfase no sigilo, após a ressurreição, foi até maior do que antes.[95]

Ninguém jamais negou que os ritos e ordenanças básicos da Igreja primitiva — batismo e ceia do Senhor — fôssem originàriamente ordenanças secretas, das quais o público em geral era expressamente excluído.[96] Tão secretas eram, na verdade, que nenhum conhecimento seguro delas foi transmitido ao mundo cristão, cujo ritual e liturgia teve conseqüentemente de ser inventado mais tarde. Já no século quarto Basílio indicava que nenhum registro escrito havia chegado dos tempos antigos, prescrevendo como deveria ser realizada qualquer ordenança.[97] Hoje, a própria Igreja Romana está fazendo modificações drásticas em ritos e ordenanças até esta data considerados, pela maioria dos católicos, como os originais da Igreja prístina, transmitidos sem mudança ou alteração desde o tempo dos apóstolos.

Por que teria a Igreja Romana dado êsse passo perigoso e sem precedentes? Foi parcialmente porque a descoberta de antigos documentos em nossos próprios dias forçou o mundo cristão a reconhecer que as práticas dos tempos primitivos eram, na realidade, bastante diferentes das que êles tinham até então ensinado. Em Orígenes, Hipólito, Clemente, Justino e no Didaquê encontramos breves e assustadores vislumbres de "*um aspecto posteriormente esquecido* do antigo sacramento cristão."[98] Os eruditos estão apenas principiando a compreender por exemplo, o quanto os primitivos cristãos estavam ligados ao templo, como quando o Evangelho de Filipe diz que os cristãos eram instruídos por "símbolos e imagens ocultas que estão além do véu," de forma que "através dêsses símbolos desprezados ganhamos conhecimento da salvação."[99] Os eruditos cristãos estão se empenhando exatamente em descobrir ao que êle está se referindo.

Os últimos os melhores? Implícita e explícita no conceito de um evangelho ensinado gradualmente, ao invés de todo de uma só vez — "preceito por preceito... linha por linha; um pouco aqui, um pouco ali" — — está a noção de que os mais importantes, mais elevados e mais sagrados ensinamentos vêm no fim.[100] Esta concepção é diametralmente oposta à do mundo cristão de hoje, de que os ensinamentos mais importantes devem vir *primeiro*, de forma que todo o essencial é conhecido, enquanto que qualquer coisa que possa ter escapado não é realmente vital. Pou-

cos discordarão de que, quanto mais elevado e santo um ensinamento, menor o número dos qualificados a ouví-lo: Basta apenas recordar a prática do Senhor de discutir "os mistérios do reino dos céus" apenas com seus discípulos, atrás de portas fechadas e de sòmente escolher poucos apóstolos para partilharem de mistérios ainda maiores, tais como a transfiguração. Todos os cristãos, na verdade, concordam em que as mais gloriosas manifestações estão reservadas para o fim. Mas a importância de um ensinamento não é medida por sua profundidade e brilho, mas pela necessidade particular da pessoa que o recebe. Deus dá às pessoas, em todos os tempos, os mais importantes ensinamentos que poderiam ser-lhes ministrados.

Para o indivíduo não batizado, nada poderia ser mais importante que o batismo; para um mundo pecaminoso, o arrependimento é um ensinamento de importância transcendental. Os teólogos católicos estão bem certos ao afirmar que o mundo cristão de hoje possui tudo o que lhe é essencial conhecer, pois o essencial é simplesmente o que basta para conduzir os homens ao passo seguinte. Êsses conceitos básicos e fundamentais estiveram sempre à mão da raça humana, mas não devem ser confundidos, por causa de sua importância, com as grandes e gloriosas coisas prometidas como galardão de fé em eras e mundos por vir. João Crisóstomo constantemente explicava às suas perplexas congregações que não se deveriam transtornar porque a Igreja não possuía mais dons e podêres espirituais, como nos dias dos apóstolos, porque o que importava não era curar os doentes e falar em línguas, etc., mas viver uma vida de retidão. Assim, deliberadamente confundindo o que é *importante* com o que é elevado e santo, êle empanava as manifestações de dons, fazendo parecer que nada de importante havia, afinal, sido perdido. "Não somos nós hoje tão bons quanto os apóstolos?" pergunta êle... "Mas êles tinham sinais e maravilhas" retrucais. "Mas não era isto que os tornava grandes. Por quanto tempo prosseguiremos desculpando nossa própria indiferença com a falta daqueles sinais e maravilhas?"[101] Êsse argumento, ainda que sensato, não explica a falta daquelas manifestações espirituais que constituíam a glória da Igreja primitiva.[102] "Os ensinamentos mais exaltados e gloriosos do evagelho," escreve Orígenes, "foram sempre separados do vulgar."[103]

Para ilustrar: Temos no Nôvo Testamento apenas os ensinos do Senhor aos apóstolos antes da ressurreição. No entanto, é-nos enfàticamente frisado que tais ensinamentos não tinham sido suficientes para dar a êsses homens fé ou compreensão da ressurreição, de forma que se recusaram terminantemente a acreditar no relato da ressurreição, quando êste lhes foi feito por pessoas dignas de confiança e, quando o próprio Senhor lhes apareceu, quiseram fugir aterrorizados. Ora, se possuimos apenas uma pequena parte das palavras de Jesus a seus discípulos antes de sua morte, como poderemos, sòmente a partir delas, adquirir uma fé e compreensão que os apóstolos não conseguiram obter do próprio Senhor? A explicação usual é que os apóstolos releram as coisas que não haviam compreendido inicialmente, as quais agora, à luz da ressurreição e da efusão do Espírito, tornaram-se claras. Êsses ensinamentos "êles agora transmitiram à Igreja — as palavras e atos de Cristo, mais a compreensão que haviam recebido através da iluminação do Espírito."[104] Isto soa bem, mas não é o que os registros relatam. O simples fato da ressurreição, conquanto tenha feito tudo aparecer sob nova luz, não foi evidentemente suficiente para dar aos apóstolos o que êles precisavam. Em um instante o desconfiado Tomé aceitou a ressurreição, como os outros haviam aceitado num encontro anterior e no entanto o Senhor ainda teve de passar quarenta dias de um lugar para outro, ensinando aos discípulos "as coisas do reino" antes que estivessem preparados para sair em sua missão.[105] O que Êle lhes ensinou não foi, como costumeiramente se afirma, simplesmente uma repetição do que já haviam ouvido antes — — longe disso. Tudo concorda em que por aquela época os apóstolos ouviram coisas muito sigilosas que nunca antes haviam ouvido; fizeram perguntas que nunca antes haviam ousado fazer e exclamaram maravilhados. "Estas coisas são mais estraordinárias que o que nos foi ensinado antes." Então, pela primeira vez, aprenderam "os maiores segredos", "o conhecimento mais alto."[106] "Agora," ecxlamaram, "Êle nos ensina coisas que não conhecíamos antes, grandes, espantosas e reais."[107]

Que coisas eram essas? Se a história do retôrno de Cristo após a ressurreição fôsse apenas um mito ou produto da saudade, ou teríamos silêncio total sôbre o assunto ou os engôdos gnóstico-filosóficos costumeiros, mascarados em profundos mistérios. Ao invés disso, o que descobrimos, quando reunimos os registros, é uma exposição extremamente consistente de doutrinas até então não reconhecidas pelo mundo cristão. É para isto que voltaremos a seguir nossa atenção. /*Continua.*

NOTAS

84. R. Latourelle, S. J., em *Gregorianum* 44 (1963), págs. 256-260.

85. Mesmo os *Reconhecimentos Clementinos*, I, 21, falam de "coisas que foram claramente faladas, mas não claramente escritas..."

86. Basílio, *De Spiritu Sancto*, cap. 27, em *Patrologia Graeca* 32:188.

87. "Por que haveis ousado repetir o que não está escrito?" diz um apócrifo bem antigo, A Revelação a Pedro, em *Zeitschrift die New Testamente Wissenschaft*, 23 (1924), pág. 12.

88. Atanásio, Apol. *contra Arianos*, cap. 11, em *Patrologia Graeca* 31:677.

89. Sua posição é discutida por D. Thomasius, *Dogmentgeschichte der alten Kirche* (Erlangen, 1886), I, 209, 297f.

90. Hipólito, *Philosophoumena*, VII, 20.

91. M. Grabmann, *Geschichte der scholastischen Methode* (Graz, 1957), II, 94f, 97--100.

92. Também H. Rahner, em *The Mysteries*, págs. 354f: J. H. Barnard, *Odes of Solomon*, (Universidade de Cambridge, 1912), págs, 23,25.

93. Clemente de Alexadria, *Stromat*. V. 94ff: IV, 161, 3; *In Levit. Homil.* 13:3f.

94. Sôbre Pedro, nos *Reconhecimentos Clementinos*, III, 76: "Durante todos os três meses que Êle passou em Cesaréia para ensinar, o que quer que pregasse na presença do povo, durante o dia, explicava mais plena e perfeitamente à noite, em particular, para nós, como mais fiéis e aprovados por Êle."

95. R. Eisler, *op. cit.*, II; 157, assinala que a injunção de sigilo (e. g. Marcos 9:1) deveria ser observada até à ressurreição *geral*, isto é, "até a segunda vinda do Redentor *em glória*." Orígenes escreve que as atividades e ensinamentos do Senhor após a ressurreição são "os ensinamentos profundos e ocultos da Igreja," *Contra Celsum* in *Patrologia Graeca* 11:1029ff.

96. A. D. Nock, em *Mnemosyne*, Ser. IV, Vol. V (1952), págs. 185f, 192, 199f: H. V. Soden em *Zeitschrift fur New Testamente Wissenschaft* 12 (1911), 188-227.

97. Ver nota 86, acima.

continua na pág. 25.

4. *A necessidade de revelação individual.*

Ajude a família a compreender que precisa de revelação diàriamente; pergunte-lhes:

Como aprendemos o que o Senhor tem em mente para fazermos hoje?

Como Jesus encontrou a resposta para esta pergunta?

Inclua o seguinte: Jesus jejuou 40 dias e comungou com o Pai antes de começar Seu trabalho. Muitas e muitas vêzes durante Seu ministério Êle dirigiu-se ao Pai. Antes de escolher Seus apóstolos, orou tôda a noite. Se Jesus com Seu grande poder, precisava de revelação para guiá-lo em Sua missão, muito maior é a nossa necessidade de recebermos orientação do Pai para realizarmos nossas missões.

Nefi, filho de Lehi, chamou seu Pai Celestial em plena mocidade para orientá-lo a realizar sua missão. Peça aos membros da família para abrirem suas cópias do Livro de Mórmon e convide uma pessoa para ler I Nefi 2:16 e 4:6.

Dê à família a convicção de que, através de orações diárias, nós também podemos ser conduzidos pelo espírito, fazendo coisas que nos ajudarão a realizar nossas missões na terra. Esta é a revelação individual que precisamos.

Discuta como o Profeta Joseph Smith aprendeu a realizar sua missão.

Peça aos membros da família para abrirem suas cópias da Bíblia e lerem as palavras em Tiago 1:5 que inspiraram Joseph Smith.

Formule as seguintes questões: Precisamos de sabedoria para executarmos nossas missões? Como êste versículo nos diz que podemos obter sabedoria? (Leia novamente a parte que é uma promessa, "e ser-lhe-á concedida.")

Peça à família para considerar esta questão:

Se orarem ao Pai para que mostre o que deverão fazer hoje, a fim de ajudarem a cumprir Sua missão, em que hora do dia orarão? (No começo do dia. Algumas pessoas fazem suas orações individuais sòmente quando vão dormir. Verifique se isto acontece com os membros da família.)

1.D

desenho feito por:

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

1.ª semana de março

Hino: "Com Valor Marchemos," 94.
Oração:
Número Musical: Por um filho.
Lição: **A NECESSIDADE DE REVELAÇÃO (I)**
Objetivo: inspirar cada familiar a orar diàriamente, a fim de que o Pai Celestial revele o que é melhor para essa pessoa.
Memorização: I Nefi 4:6.
Atividade: Pôr em dia as fôlhas de registro genealógico.
Hino: "Doce é o trabalho," 125.
Oração:
Lanche: Bananas fritas com canela e açúcar.

1.A

---

2. Cada um orará para a inspiração sôbre qualquer problema específico que tiver.

3. Cada um obedecerá a inspiração que tiver.

4. As orações em família poderão ser feitas para pedir orientação sôbre qualquer problema familiar.

Durante a semana, talvez na hora do almôço, a família poderá discutir experiências e contar alguns dos resultados satisfatórios que tiveram. Isto manterá vivo o desejo de orar por revelação para as suas vidas diárias e os ajudará a reconhecer tal revelação quando esta vier.

Atividade:

Capturar a bandeira

Arranje um lenço colorido — a "bandeira."

Organizam-se partidos iguais. Se houver quatro grupos, dois serão de defensores e dois de atacantes; só existindo número para três grupos, um será de defensores e os outros dois de atacantes. *Estes escolhem* um chefe.

Põe-se a bandeira junto a uma árvore (poste ou cadeira), em tôrno da qual dispõem-se os defensores. Os atacantes dispersam-se pelo terreno, onde se marcam duas prisões "ocultas," sendo uma para cada equipe. Os atacantes assinalam, além disto, a certa distância da bandeira, o lugar onde começa o seu campo.

Ao sinal de início, os atacantes tentam apoderar-se da bandeira e levá-la para o seu campo. Os outros jogadores procuram impedí-los, pegando-os e os mandando para a prisão. O chefe dos atacantes não pode ser apanhado, mas tem o direito de pegar os defensores e de aprisioná-los. A sua função principal é a de afastar os defensores dos jogadores que fazem o ataque. Qualquer participante pode libertar, com um toque de mão, um companheiro capturado, desde que não seja tocado antes de chegar à prisão inimiga.

Decorrido certo tempo, a vitória é dada ao lado que atingiu o seu objetivo, isto é, para uns a conservação da bandeira e para outros a sua conquista.

2.D

desenho feito por:

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

2.ª semana de março

Hino: "Tal Como Um Facho", 160.
Oração:
Poesia: Pela mãe.
Lição: **A NECESSIDADE DE REVELAÇÃO (II)**
Objetivo: Inspirar cada familiar a orar diàriamente, fim de que o Pai Celestial revele o que é melhor para essa pessoa.
Memorização: D&C 121:26.
Atividade: Capturar a bandeira.
Hino: "Se a Vida é Penosa," 69.
Oração:
Lanche: Pudim de leite condensado.

2.A

1. *Os membros da Igreja Restaurada têm uma missão a realizar*

Comece sua lição formulando as seguintes questões:

Se um não-membro perguntasse, "qual é a diferença entre sua igreja e a minha," o que responderia? (Revelação e autoridade de Deus.)

Quem recebe revelações para a Igreja? (O Presidente da Igreja.)

Como as revelações chegam ao profeta? (Pela visita de anjos, visões ou uma voz. Geralmente pela inspiração, que é uma intuição.)

Se necessitasse de revelação para orientá-lo em sua vida pessoal, o que faria? (Deixe a família discutir.)

Peça aos familiares para imaginarem que viviam com o Pai antes de nascerem e Êle lhes disse que seriam enviados à terra; pergunte: Que razões levam-no a pensar que nos enviou à terra?

Por que desejou provar-nos? (Para que pudéssemos viver com Êle novamente.)

Observe que o Pai tornou claro que viríamos à terra, pois teríamos uma missão aqui, a qual perduraria desde o nascimento até a morte. Vir à terra não é como sair em férias, mas como ir para a escola. Alguns estudantes vão para a aula sabendo que têm um propósito ou missão: estudam e trabalham àrduamente e realizam algo. Outros agem como se estivessem em férias: desperdiçam seu tempo em brincadeiras, não têm objetivos e falham.

Deixe a família comparar. Saliente o ponto de que viemos aqui para realizar algo e depois voltaremos ao Pai.

Certifique-se de que cada um compreende que realizamos algo vivendo o evangelho de Jesus Cristo enquanto estivermos aqui. Esta é a nossa missão.

2. *Não sabemos qual é o nosso trabalho aqui na terra.*

Ajude a família a compreender que ninguem sabe quão amplos são os nossos talentos e capacidade. Somos filhos de Deus e temos maior potencialidade do que imaginamos. É por isso que devemos ter um propósito, desenvolvendo nossas habilidades na escola e no lar. Ninguém sabe, no comêço da vida, qual será o seu trabalho. Há tarefas que nosso Pai designará quando estivermos preparados, as quais nunca poderão ser feitas de outro modo. Aprendemos gradualmente qual é nosso trabalho e como melhor servir ao viver o evangelho. **1.B**

Use o seguinte, para ajudar sua família a pensar no assunto:

Quando Maria e José perderam Jesus, que na época tinha 12 anos, e perguntaram porque os haviam deixado tão preocupados, qual foi Sua resposta? (Não sabíeis que Me cumpria tratar dos negócios do Meu Pai?)

O que Êle quis dizer com isso? (Tinha um trabalho a realizar para o Pai e sentia urgência em fazê-lo).

De que modo uma pessoa tem uma missão como a de Jesus? (Cada um tratará dos negócios do Pai por viver o evangelho e usar as habilidades que lhe foram conferidas.)

3. *Precisamos começar nossa missão quando jovens.*

Conte a seguinte história: Quando tinha 10 anos, Walter mudou-se para uma casa próxima à de Antonio. Gostaram um do outro imediatamente. Jogavam futebol e brincavam com carrinho de rolimã. Antonio e Walter eram igualmente inteligentes e tinham as mesmas oportunidades, mas era evidente que Antonio tinha um propósito na vida: sabia que sua missão era viver o evangelho. Walter, por outro lado, nunca pensou sôbre tais coisas. Antonio sempre fêz o melhor. Apreciava a escola e preparava as lições conscienciosamente tôda noite. Quando jogava futebol, punha nisso todo o seu empenho. Freqüentava regularmente as reuniões da Igreja.

Walter nunca preparava suas lições, não se importava com o valor do tempo.

Antonio diplomou-se com boas notas. Recebeu uma bôlsa de estudos para a universidade de sua escolha e estava ansioso para fazer missão.

Walter tirava notas baixas em português e matemática e foi um problema para a universidade, que não queria aceitá-lo. Não desejava fazer missão.

Discuta as seguintes questões:

É provável que Walter desempenhe sua missão tão bem quanto Antonio? (Não, pois não tem compreensão da profundidade da mesma.) É possível que uma pessoa como Walter falhe ao executar sua missão na vida? (Êle tem livre arbítrio para continuar como está ou mudar.) Êles estavam desenvolvendo seus talentos e habilidades? (Antonio estava, fazia bem as lições e aprendeu a tocar um instrumento.) Desenvolveu habilidades que poderão ajudá-lo a viver o evangelho prestando serviço.) **1.C**

---

1. *O direito de revelação individual.*

Peça aos membros da família para lerem D&C 121:26. O Pres. Moyle dá a seguinte interpretação sôbre essa escritura:

"Esta é uma promessa feita a todos nós, que vivemos numa época em que o Senhor nos dará um conhecimento, jamais dado a qualquer outro povo em qualquer época da história do mundo, sôbre o trabalho que temos a desempenhar." (Dirigido à Universidade de Utah, a 2 de dezembro de 1962.)

Conte a seguinte história para demonstrar o quanto ela pode significar a cada um dos filhos de nosso Pai:

Durante a visita dos mestres familiares a uma família a discussão centralizou-se nas palavras do Presidente Joseph F. Smith:

"Creio que cada pessoa na Igreja tem o direito de usufruir do Espírito de Revelação e da compreensão de Deus, que Aquêle Espírito lhe dá, para seu próprio bem, tanto quanto ao bispo que preside em sua ala. Todo homem tem o privilégio de usar dêsses dons para cuidar dos seus deveres, levando os filhos ao caminho que devem seguir... é seu direito gozar o espírito de revelação e inspiração para fazer as coisas certas, ser sábio e prudente, justo e bom em cada coisa que faz. Eu sei que êste princípio é verdadeiro e gostaria que os SUD o soubessem também." (Gospel Doctrine, p. 43, 2ª edição)

De repente, um dos mestres familiares, que tinha sido desobrigado seis meses antes da presidência de uma missão, disse:

"Por esta razão é que se eu fôr inteligente e tentar conduzir meus filhos a viver o evangelho terei o direito de receber revelação para orientá-los, da mesma forma que tive para orientar a missão da Igreja. Nada é mais importante para mim do que os meus filhos. Guiá-los é um meio de cumprir minha própria missão nesta vida. Eu preciso de revelação do Senhor para fazer isto."

A dona de casa pensou nisso também; disse: "Para que cumpra a minha missão, preciso ser boa mãe. Estava pensando em arranjar um emprêgo, como o fêz minha vizinha, mas agora vejo que preciso da revelação do Pai, para ter a sabedoria de cumprir missão com respeito à minha família."

A face de Augusto iluminou-se. Cada um sabia que êle estava pensando em tomar decisão certa quanto ao curso a seguir na universidade. **2.B**

Marta, a filha estava pensando, "eu preciso de revelação do meu Pai Celestial agora mesmo, para decidir se devo continuar a estudar ou casar com Jaime.

Tereza, de 12 anos, estava sentindo como se todo o mundo a houvesse abandonado. Ela e seu melhor amigo haviam discutido. Um sentimento diferente veio a ela quando pensou em ter o direito à revelação para orientá-la nisto.

Talvez seu Pai Celestial pudesse ajudá-la a perdoar.

Linda, de oito anos, tinha desobedecido o pai ao quebrar as normas a respeito de andar de bicicleta. Ela estava pensando como fazer o certo em relação ao pai. Agora sabia que deveria dirigir-se ao Senhor, e Êle poderia revelar-lhe o que fazer.

Fernando, de 6 anos, disse: "O Pai Celestial me fêz pensar ontem que devia dizer à mamãe que tinha pêgo uma bolacha sem ordem dela."

2. *A revelação geralmente vem por inspiração.*

Conte o seguinte incidente e depois discuta-o: Uma moça planejava casar com um rapaz, mas tinha dúvidas, então orou por sabedoria e orientação. O tempo passou e ela continuou tendo o mesmo sentimento de insegurança. Disse, "O Senhor não me escuta, não tive nenhuma resposta." Então casou com o rapaz e teve um casamento infeliz.

Como isso aconteceu? (O Senhor deu-lhe orientação, mas ela não a reconheceu. A dúvida e o sentimento de insegurança eram a resposta.)

O que aconteceria se a resposta tivesse sido para casar com o rapaz? (Teria sentido paz e segurança; não se sentiria vazia.)

Ajude a família a compreender que aprendemos a reconhecer a inspiração, quando esta vem. Muitas vêzes fazemos certas coisas que nos impedem de ouvir a revelação.

3. *Oraremos por revelação para cumprirmos nossa missão.*

Discuta a importância da revelação em suas vidas e o que farão durante a próxima semana para obterem revelação, a fim de saberem o que o Pai quer que façamos para ajudar a realizar Sua missão. Considere o seguinte:

1. Diàriamente, pela manhã, cada membro da família, em sua própria oração, pedirá ao Pai Celestial para revelar-lhe como usará suas habilidades. **2.C**

Aplique estas palavras à sua família. Cada um de vocês é indivíduo — um filho de Deus. Cada um continuará sendo a mesma pessoa depois da morte. Você ainda amará as pessoas que conheceu e amou nesta vida, especialmente os da família. Por exemplo, os pais ainda se amarão um ao outro e ambos amarão seus filhos, pais e irmãos. As crianças da família amarão seus pais, irmãos, avós, tios, primos, etc.

Agora peça à família para imaginar como poderá amar os membros de sua família depois desta vida; observe que nenhuma destas relações familiares existe sem que haja marido ou espôsa pai ou mãe, filho ou filha, irmão ou irmã. Haveria uma alegria real em tal futuro? Isto é exatamente o que aconteceria para nós se as famílias fôssem unidas nesta terra cuja união terminaria na ocasião de nossa morte quando a deixaríamos.

Discuta: Por que ser selado à família é uma das maiores bênçãos que o Pai nos deu?

Encoraje cada um a expressar suas idéias. Ajude cada um a compreender que o direito de ser selado pelo poder do sacerdócio torna realmente possivel... encontrar aquêles que mais amamos (a família) quando deixarmos esta terra.

Atividade:

Arco-Iris.

Todos sentam-se no chão, em roda, com as pernas cruzadas, ficando uma pessoa de pé, no centro. Cada jogador faz um sinal à sua frente, para marcar o seu lugar, e anuncia em voz alta o nome da côr que escolheu. (É mais interessante não haver côres iguais).

Para iniciar, a pessoa destacada põe-se a andar em volta do círculo, dizendo: "*Hoje é dia de festa. Venha quem está de ... rosa!*", no que é logo obedecida pelo jogador que escolheu aquela côr. Assim vão sendo solicitadas as várias côres (o anil, o encarnado, o mate, etc.), até haver várias pessoas a correr em coluna atrás do chefe (o jogador destacado). Em dado momento êste grita: "*Arco-íris!*" levantando-se, então, para acompanhá-lo, quem ainda não o tinha feito. Depois de a coluna completa dar duas ou três voltas pelo círculo, o chefe anuncia: "*Acabou-se a festa!*". correndo todos à cata de um lugar. Quem não o consegue vai ser o chefe na próxima partida. *Variante*: O jogador destacado caminha executando uma porção de movimentos (pulos, gestos, etc.), que a coluna imita.

3.D

desenho feito por:

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

3.ª semana de março

Hino: "Assombro Me Causa," 62.
Oração:
Canção Popular: Por tôda a família.
Lição: **DEVEMOS VIVER PARA UMA RELAÇÃO FAMILIAR ETERNA (I)**
Objetivo: Fortalecer os laços de amor entre cada membro da família.
Memorização: Mateus 16:19.
Atividade: Arco-íris.
Hino: "Damos Graças a Ti," 147.
Oração:
Lanche: Croquetes de arroz.

3.A

Atividade:

Quem sou eu?

Prepare um cartão com o nome de cada participante e um alfinete de cabeça. Nas costas de cada um, o dirigente prende um cartão com o nome de outro, sem deixá-lo perceber de quem se trata. Para aumentar a dificuldade do jôgo, os meninos podem receber nome de meninas e vice-versa.

Ao sinal de início, um por vez vira as costas para os outros, para que vejam "quem é." Depois disso, cada qual procura descobrir, por meio de perguntas aos companheiros, que personagem está representando. Pode indagar coisas assim, "*Sou loira?*", "*Sou magro?*", "*Estou usando sapatos de fivela?*", etc. As respostas só podem ser com a cabeça, para afirmar ou negar. Quando alguém julga que descobriu o nome que traz nas costas, dirige-se ao seu dono e pergunta-lhe "*Sou você?*" Em caso afirmativo, tira o cartão de suas costas, prega-o ao peito de tal criança e continua na brincadeira, para ajudar os outros a se identificarem, até alguém entregar-lhe o cartão que tem seu próprio nome. A vitória é dos que descobrirem o "nome" que trazem.

4.D

aesenho feito por:

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

4.ª semana de março.

Hino: "A Deus, Senhor e Rei," 103.
Oração:
Poesia: Por um dos filhos.
Lição: **DEVEMOS VIVER PARA UMA RELAÇÃO FAMILIAR ETERNA (II)**
Objetivo: Fortalecer o laços de amor entre cada membro da família.
Memorização: D&C 131:2.
Atividade: Quem sou eu?
Hino: "Tudo é belo em Derredor," 126.
Oração:
Lanche: Pastel de queijo com guaraná.

4.A

Através do poder do sacerdócio, as relações familiares podem perdurar até a eternidade. Comece esta lição contando a seguinte história de fadas:

Um rei apaixonou-se por sua criada, que não tinha descendência real. Ela consentiu em casar-se com êle, com uma condição, que se por qualquer razão êle lhe pedisse que deixasse o palácio, ela levaria o que mais amava. O rei deu sua palavra e então casaram-se.

Os anos se passaram e os temores da espôsa foram confirmados. O rei tornou-se nervoso com ela e pediu-lhe para deixar o palácio. Ela o lembrou de sua promessa e êle concordou. A espôsa então pôs um entorpecente na comida do rei. Quando êle estava adormecido pela ação da droga, ela o colocou em sua carruagem e o levou para o nôvo lar. Quando acordou, ela explicou que, dentre tôdas as coisas do paláco o que mais amava era êle.

A história teve um final feliz porque o rei ficou tão impressionado com o profundo amor de sua espôsa que corôou-a rainha e viveram felizes por muitos anos.

Esta história ilustra a idéia de que o Pai nos possibilitou levarmos o que mais amamos quando deixamos esta terra. Apesar de deixarmos aqui a maior parte do que acumulamos durante tôda a vida, podemos levar nossas famílias conosco, estando com ela através da eternidade. Isto é possível por causa do poder de selamento do sacerdócio. Êste é o poder e autoridade dado aos homens por Jesus Cristo, para agir em nome dêle aqui na terra. Desde que esta autoridade divina é válida depois da morte, os que estão unidos por êsse poder o estarão para sempre. Exemplos de homens que deram êste poder para selar são encontrados nas escrituras.

Peça à família para ler Mateus 16:19. Convide uma pessoa para ler as palavras que Jesus falou ao apóstolo Pedro.

Depois peça à família para ler o capítulo 10 de Helamã. Êste é outro exemplo de como Jesus deu o poder de selamento aos homens aqui na terra. Leiam os versículo 4 e 7.

Discuta: Que poder específico Jesus deu a Pedro e a Nefi? (O poder para selar na terra e ter êste selamento vigorando nos céus.)

O que isto poderia significar para o povo que Pedro presidia e também às pessoas que Nefi presidia? (As ordenanças que Pedro ou Nefi realizaram para seu povo poderiam ser válidas tanto nos céus como na terra, desde que ambos tivessem o poder de selar aqui e lá.) **3.B**

Convide uma pessoa para ler a primeira parte do versículo 46, da seção 132 de D&C. É parte de uma revelação dada a Joseph Smith em 1843.

Que poder foi dado a Joseph Smith? (O que êle selou na terra poderia ser selado nos céus. Observe que êste poder de selar passou ao presidente da Igreja atual e aquêles para os quais êle delega êste poder têm o direito de selar para a aternidade.)

Se sua família consiste somente de jovens e adultos, leia D&C 132:7 e discuta o seu significado. Se há crianças na família, transmita a mensagem dêste versículo com suas próprias palavras. Certifique-se de que cada um compreende que Jesus disse que todos os convênios e contratos executados por qualquer outro poder que não o do sacerdócio, terminam mais cedo ou mais tarde com a morte.

É por isto que tôda autoridade oriunda da terra termina quando deixarmos esta vida. Por outro lado, o poder e autoridade do Sacerdócio não se originaram na terra; vieram de nosso Pai através de Seu filho Jesus Cristo. Esta autoridade será válida através da eternidade.

A fim de ajudar os membros de sua família a compreenderem o que isto significa, escreva o seguinte num pedaço de papel ou quadro-negro. Saliente que é possível serem selados como uma família, porque pertencem à verdadeira Igreja de Jesus Cristo, a qual tem o poder, através do sacerdócio, de realizar casamentos que são válidos depois da morte. As crianças podem ser seladas aos pais para sempre.

1. *Ser selado à família é uma de nossas maiores bênçãos.*

Um homem idoso que teve sucesso nos negócios e acumulou uma grande fortuna, disse que a única coisa que realmente importava era sua família. Os valôres sôbre cada coisa deram-lhe a certeza de que terá sua família com êle na eternidade. Leia as seguintes palavras do Presidente Joseph F. Smith, para ajudar a família a compreender a importância do selamento:

"Nossas associações familiares não são destinadas a esta vida ou tempo, quando a distinguimos da eternidade. Vivemos para o tempo e eternidade. Formamos associações para o tempo e tôda eternidade. Nossas afeições e desejos são realizadas e preparados para perdurarem não sòmente através da vida mortal ou temporal, mas em tôda a eternidade" (Gospel Doctrine, P. 277) **3.C**

1. *Ser selado à família é parte de nossa missão na Terra.*

O casamento para o tempo e eternidade, chamado de casamento celestial, foi denominado também como o portão para a exaltação no reino do Pai Celestial. Peça aos membros da família para lerem em D&C seção 131, os versículos 1 e 3.

Discuta. Qual é o reino celestial referido no versículo 1? (É o reino mais elevado que nosso Pai preparou para Seus filhos. É também chamado o reino de Deus e é onde nosso Pai e Jesus moram. É o lugar onde viveremos se alcançarmos o direito de vida eterna). A quem será permitido entrar no reino celestial? (Àqueles que aprenderam a viver o Evangelho. Em outras palavras, àqueles que aprenderam a viver como nosso Pai e Jesus).

Quantos graus há no reino celestial? (Três, veja versículo 1.)

Que devemos fazer para entrar no grau mais elevado? (Devemos ser casados e selados pelo poder do sacerdócio. Veja versículo 2. O grau mais elevado do reino celestial é chamado de exaltação).

Por que casar no templo e ser selado à familia para a eternidade é parte de nossa missão nesta vida? (Nos prepara para a exaltação no reino do Pai, que é o objetivo real de nossa vida aqui na terra.) Fazer esta parte de nossa missão aqui na terra é tão importante, que Brigham Young disse:

"Não há jovem em nossa comunidade que não tenha o desejo de viajar daqui à Inglaterra para casar, se compreende as coisas como são: não há uma jovem em nossa comunidade que ame o evangelho e deseje suas bênçãos, que casaria de qualquer outro modo". (Discourses of Brigham Young, p. 195.)

2. *Podemos edificar relações familiares que perdurarão até a eternidade.*

Leia as seguintes palavras do Presidente David O. Mckay à família.

"A responsabilidade de salvar esta sagrada instituição (o lar) foi entregue a você, pelo conhecimento de que os laços familiares são eternos. Êles deverão ser eternos. Não há nada temporário num lar SUD. Não há nenhum elemento transitório nas relações familiares do lar SUD.

Para o SUD, o lar é a verdadeira unidade celular da sociedade, e a paternidade vem logo após a divindade." (Gospel Ideals, p. 485.) **4.B**

3. *Fortalecemos nossas relações familiares através do amor.*

Leia as seguintes palavras, também do Presidente McKay: "Os lares tornam-se permanentes através do amor. O', então deixe o amor espalhar-se." (Gospel Ideals, p. 484)

Uma senhora dirigiu-se a um conselheiro matrimonial e lamentou que seu casamento era infeliz porque o marido nunca havia expressado amor por ela ou mostrado alguma afeição. O conselheiro sugeriu que tentasse resolver a situação expressando amor por seu marido sem esperar retribuição. Numa noite, logo depois, quando o marido havia trazido algumas guloseimas, disse-lhe que o apreciava como também pelo que estava fazendo por ela. Para sua surprêsa, o marido deu-lhe um beijo muito mais suave do que aquêles dados em épocas passadas. A expressão de amor e apreciação fortaleceu os laços que estavam começando a enfraquecer.

É a mesma coisa com as relações familiares. Sem expressões, se estas são transmitidas verbalmente ou por meio de ações, o amor cresce fracamente. Com cada expressão, êle é fortalecido.

A designação para a semana que vem será que durante esta semana cada membro da família expresse seu amor um pelo outro nas palavras, bem como nas ações. Deixe sua família discutir os meios pelos quais podem expressar amor um pelo outro. Isto variará de acôrdo com as idades dos membros da família. Deixe cada membro da família escrever num pedaço de papel o meio que usará para dizer a cada um que o ama. Será através de maneiras simples, tais como dispender tempo num jôgo, fazer uma tarefa para a mãe ou pai, etc. À ação, deverão juntar palavras sinceras como "Eu a amo." Todos nós necessitamos ouvir que somos amados. Em tal ambiente de amor, os laços familiares tornar-se-ão tão fortes que perdurarão até a eternidade.

Copie as seguintes palavras, também do Presidente David O. McKay, abaixo do desenho que você fêz no princípio da lição. Coloque o papel onde possa ser visto frequentemente pelos membros da família, a fim de lembrá-los da designação para a semana.

"Eu tenho sòmente um pensamento em meu coração, para os jovens da Igreja, e êste é que sejam felizes. Sei que não há outro lugar melhor do que o lar onde a felicidade pode ser encontrada;

É possível fazer do lar um pedacinho do céu; realmente eu descrevo o céu como sendo a continuação de um lar ideal." (Gospel Ideals, p. 490) **4.C**

JÓIAS DO PENSAMENTO

POR

RICHARD L. EVANS

Foto de Rui M. Bronze

"Ainda que não possa ver todo o caminho..."

"Se alguém o convidasse para ir com êle. . . ver um filme das coisas que estão por acontecer... você iria?" Perguntou William Frederick Bigelow. "Estaria você disposto a arriscar-se a ver as coisas do futuro...? Labutando, regozijando-se e tocando adiante através da vida, êle vai — esta é a biografia da maior parte dos homens e poucos as modificariam, se pudessem, ou pediriam para ter uma visão antecipada dos dias de regozijo" ou de tristeza.

"Qual é o significado último da vida eu não sei," disse o dr. E. Morgan. "Parece ser uma aventura e isso significa risco, com incerteza de sucesso ou de fracasso. Eu não sei quão grande é o risco... tem sido uma grande luta para a humanidade ir assim tão longe... não devo falhar... embora não possa ver todo o caminho... a coragem é essencial, e paciência... Mente aberta à procura da verdade é essencial... É preciso aprender a desfrutar a vida... a menos que encontremos bondade e felicidade de um dia para outro, não nos parecerá ter chegado ao fim." "Subimos até aqui pela fé." Olharmos para a frente é misterioso... com gratidão por uma possível oportunidade." Esta é a substância, o espírito de encarar o futuro: fé, esperança, felicidade, paciência, preparação, boa vontade para confiar e dar o passo seguinte sem pedir para ver a cena futura." Alguns viram qualquer coisa do futuro. Para os profetas houve algumas oportunidades. O Plano normal é encarar nossos problemas, um dia de cada vez, uma hora de cada vez, com a consciência de que foi um Pai amoroso que nos deu os princípios, os mandamentos, as linhas de conduta, as causas e efeitos, com fé para caminharmos na direção do futuro sem vermos as conseqüências, com segurança, por serem verdades eternas e pela finalidade de agirmos e suportarmos. Podemos saber que estamos em boas mãos, e poderíamos conservar-nos em atitude de prece, próximos a Êle que nos deu a vida, nos amou e nos deu tôdas as oportunidades. "Embora não possa ver todo o caminho... o essencial é coragem e paciência... preciso aprender a desfrutar a vida... qualquer que possa ser a finalidade, êste é o caminho verdadeiro."

E a felicidade é parte da grande finalidade da vida.

LIDERANÇA E ADMINISTRAÇÃO

Élder Delbert D. Stapley
do Conselho dos Doze
Discurso feito na sessão da junta da Sociedade de Socorro da Estaca Conferência Geral Anual, a 30 de setembro de 1965.

Estou grato, irmãs da Sociedade de Socorro pela oportunidade de lhes falar nesta conferência anual. A presidência da Sociedade de Socorro deu-me uma tarefa difícil, e é minha oração que aquilo que preparei esteja de acôrdo com o que tinham em mente; e que vocês não voltem desapontadas para casa. A Sociedade de Socorro é uma organização maravilhosamente superior, presidida por mulheres dedicadas e fervorosas, que trabalham com boa vontade e cooperativamente, sob a direção do Sacerdócio.

O Profeta Joseph Smith, quando organizou a Sociedade de Socorro, mostrou-se profundamente interessado em suas atividades. Referiu-se à organização como uma seleta sociedade de mulheres virtuosas e advertiu-as a expurgar dentre elas tôda iniqüidade e observarem as leis do reino de Deus. Êle também aconselhou as mulheres para praticarem os princípios de santidade. Estas instruções do Profeta dão-nos enorme visão do trabalho da Sociedade de Socorro.

Os propósitos da Igreja e seus líderes é alcançarem salvação e bênção para o seu povo.

Se vocês perderem esta compreensão do propósito na Sociedade de Socorro, terão perdido o verdadeiro espírito de trabalho.

Gostaria de parafrasear dois versículos da revelação acêrca do Sacerdócio, que creio serem apropriados para a liderança da Sociedade de Socorro.

"Portanto, que agora tôda mulher aprenda o seu dever, e aprenda a agir com tôda diligência no ofício para o qual fôr escolhida. Aquela que fôr preguiçosa e a que não aprender o seu dever e não se provar merecedora, não será considerada digna de permanecer" — (parafraseado de D&C 107:99-100)

Êste conselho e instrução aplica-se significativamente a tôda liderança da Igreja. Aprender o seu dever é a coisa mais importante para o sucesso na vida.

Como pode alguém aprender o seu dever se falha no estudo dos livros, manuais, da Liahona e outros excelentes materiais proporcionados pela Sociedade de Socorro? Como podem, as colaboradoras da Sociedade de Socorro, aprenderem seus deveres quando faltam às reuniões de preparação e de instrução? A efetividade de seu serviço iguala-se com a presença ou ausência das oficiais e professôras em tôdas as reuniões da organização.

A falta dos membros da junta às reuniões marcadas leva-os a perder os valôres e espírito das instruções e discussões, que como a oração, inspiram a pessoa.

O propósito das reuniões das oficiais e professôras, das convenções, das conferências, etc., é ensinar, treinar e motivar as batalhadoras para um serviço total e eficiente. Não pode cumprir o seu dever eficientemente quem leva desvantagens em tôda oportunidade de melhorar e qualificar sua pessoa na administração para a qual tiver sido chamada.

Chegamos agora, ao segundo ponto: agir no cargo para o qual foi designada, com tôda diligência. Eis aí a verdadeira chave para o sucesso do serviço da Sociedade de Socorro.

O Senhor admoestou: "Não desperdiçarás o teu tempo nem enterrarás o teu talento para que não seja conhecido" (D&C 60:13).

Alguém sàbiamente já disse: Admoesto-o a considerar os adiantamentos como veneno para a alma. Não seja culpado disso. "Quantas

DA SOCIEDADE DE SOCORRO

oportunidades valorosas são roubadas por êsse ladrão que é o adiantamento? Aqui temos um pensamento que ajuda a apreciar essa verdade: "Perdidas cêrca de duas horas douradas entre o nascer e o pôr-do-sol, cada uma feita de preciosos minutos.

Nenhuma recompensa foi oferecida, pois elas se foram para sempre".

Agora, isso requer menos tempo para fazer algo do que levaria para preocupar-se em como fazê-lo.

Irmãs, sejam sempre diligentes em seus chamados. Vocês lidam com os filhos de Deus. Ajudem-nos a retornar salvos até Êle. Lembrem-se novamente, aquela que é preguiçosa não será contada entre os dignos de permanecer, e aquela que não aprende o seu dever e que não se prova merecedora, não será contada entre os que permanecerão.

A extensão do chamado de uma pessoa é tão amplo quanto sua visão. A visão da gente pode se estender pelo estudo e meditação compenetrada; também pelo comparecimento a tôda reunião marcada, que provê liderança e ensina a desenvolver-se.

É importante compreender o significado e a magnitude de um chamado. Precisa haver pensamentos criativos e luta pelo sucesso.

Lembre-se, também do que o Senhor advertiu, e novamente estou parafraseando:

"Pois eis que não é próprio que em tôdas as coisas Eu mande: pois aquela que é compelida em tôdas as coisas, é serva indolente e não sábia; portanto não será recompensada.

"Na verdade vos digo, que as mulheres se devem ocupar zelosamente, numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem; pois nelas está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se as mulheres fizerem o bem, de modo algum deixarão de receber a sua recompensa. Mas aquela que não faz nada sem ser mandada, e recebe mandamento com coração duvidoso, e indolentemente o observa, é condenada. (parafraseado de D&C 58: 26-29).

Iniciativa, fidelidade e obediência, são enfatizados nessa revelação.

Deus disse: " . . . e tudo que fizerdes de acôrdo com a sua vontade, é o negócio do Senhor" (D&C 64:29). Vocês, irmãs, estão no desempenho do serviço do Senhor, portanto, cumpram sua parte no serviço do Senhor para salvar almas.

Como qualquer negócio, o Reino de Deus exige uma forte liderança na sua organização para cumprir os propósitos de Deus para com seus filhos. A organização da Igreja nesta última dispensação da providência divina é perfeita e precisa funcionar perfeitamente. Esta condição não poderá ser cumprida sem a sábia escolha dos líderes, colocados em posições onde seus talentos e habilidades podem ser melhor aproveitados. Nos negócios, o pessoal é empregado e colocado em posições de acôrdo com a qualificação comprovada, ou então possui habilidades e experiências em potencial que, por instrução e aprendizagem, o qualificará para a execução de serviço eficiente e aproveitável.

Na Igreja não podemos supor que uma pessoa, por ser fervorosa e sincera, poderá desempenhar bem sua administração em qualquer cargo na Igreja.

Aceito que a fé é um ingrediente necessário para o caráter da pessoa escolhida; mas, não levando em consideração o quanto a pessoa é boa, ela poderá servir mais satisfatòriamente e com felicidade, no campo de seus talentos e dons individuais, do que em outros cargos. Respeito e tenho fé no que o Espírito Santo pode fazer para alguém, mas creio firmemente que o Espírito Santo pode fazer muito mais por alguém, que é chamado para servir numa posição onde seus talentos e qualificações se amoldam mais eficazmente.

Tenho visto professôres bem sucedidos falharem quando chamados para cargos de liderança. Porque o professor alcança sucesso como professor, o oficial presidente pensa que o professor pode dar boa liderança a uma organização. Se há falhas em tais circunstâncias não é culpa da pessoa; é culpa do oficial que não analisou quais os requisitos necessários que tal cargo exige em habilidades e qualificações; conseqüentemente, um julgamento deficiente foi usado na seleção do indivíduo. Há sempre uma séria questão a ser considerada quando se tira um professor efetivo de uma classe, sem haver outro irmão qualificado para o substituir. A questão é: Qual será o efeito sôbre a classe? Será que êles serão largados ao vento e, por isso, se tornarão perdidos espiritualmente, ou parcialmente, para o reino?

A Sociedade de Socorro, para fazer um trabalho eficiente e bem sucedido, necessita ser forte em todos os setôres de atividade e trabalho.

Quando da seleção do pessoal para a organização, a presidente deverá ser sábia e cuidadosamente escolhida, levando-se em conta a sua capacidade de espiritualidade e sinceridade. Com a aprovação do oficial presidente, é seu privilégio e direito escolher e selecionar conselheiras que possuam talentos, habilidades e capacidade para complementá-la, e assim, trabalhando juntas serão uma equipe tôda eficiente.

Se possível, as conselheiras deverão ser escolhidas entre as que possuem qualidades em potencial para alta liderança.

A presidência, agindo conjuntamente, deverá selecionar e recomendar à autoridade do sacerdócio aquelas que elas desejam ter como companheiras para servir, assegurando-se de que as selecionadas sejam merecedoras e verdadeiras na fé, e tenham qualificações espirituais, bem como outras qualificações que melhor se adaptam à posição a ser futuramente preenchida.

Parece-me que o trabalho com o pessoal da Igreja é um processo educacional sem fim. Tôda organização deve treinar constantemente o seu pessoal para assegurar reserva de professôres e líderes capazes de substituir as lacunas que habitualmente ocorrem. Creio, como nunca antes na Igreja, que os líderes precisam ser bons professôres e ter a capacidade de treinar outros, e também ter o entusiasmo espiritual para motivar os seus trabalhadores a darem o melhor de si. Cada um deve esforçar-se diligentemente para medir o seu potencial. Qualquer coisa menos que o melhor de si mesmo não é suficientemente bom no trabalho do Senhor. Tudo que vale a pena fazer, tem mais valor quando bem feito.

Os planos e programas da Sociedade de Socorro, como anunciados pela Junta Geral da Sociedade de Socorro, precisam ser totalmente apoiados.

A Sociedade de Socorro compreende um largo campo de atividades muito úteis e necessárias às mães da Igreja. Essas atividades, se conduzidas com interêsse receberão apôio completo das irmãs. A Sociedade de Socorro promove funções sociais, literatura, ciência social, e lições de teologia que podem alcançar o interêsse e aumentar o comparecimento das irmãs da Sociedade de Socorro e estimulam a fé e a sinceridade; também as ajudam a obter testemunho fervoroso do evangelho de nosso Senhor.

Necessitamos de uma liderança informada. Estamos bastante voltados à Igreja para permitir que as nossas linhas de comunicação quebrem-se de tal maneira que as informações não se filtrem através dos canais apropriados para a posição e ordem de nosso pessoal. A liderança está propensa a não repartir informações com aquêles que com ela trabalham. Quanto mais informado o pessoal, melhor êle trabalha. Êles apoiam e defendem aquilo que podem compreender. É naquilo que não compreendem que falham.

Sugiro e aconselho a liderança da Sociedade de Socorro, em todos os níveis, a concordar com os programas, instruções e procedimentos da Sociedade. Por favor, não ponham de lado as funções programadas pela Sociedade de Socorro, sugerindo as idéias pessoais que vocês possam ter para melhorar os programas e atividades.

As líderes da Sociedade do Socorro precisam ser administradoras capacitadas, hábeis em planejar e programar e, de boa vontade, repartir responsabilidades com outras irmãs, confiando nelas e não as tirando do seu serviço, mas as ajudando para bons desempenhos e resultados excelentes.

Vocês, líderes da estaca, apoiam totalmente a Junta Geral da Sociedade de Socorro, e todo o programa que ela oferece. Sua presidência trabalha diretamente sob a supervisão das Autoridades Gerais e da Primeira Presidência. O programa da Sociedade de Socorro é aprovado por êles.

Liderança e Juntas da Sociedade de Socorro das alas, por favor apoiem as líderes da Sociedade de Socorro da estaca; as quais trabalham sob a direção do sumo conselho representante da presidência da estaca. A liderança e a junta da Sociedade de Socorro da Ala também trabalham sob direção do bispado. Em tôdas essas relações (Juntas Gerais) da estaca e da ala, deve haver delegações e instruções.

Na Igreja estamos preocupados com a unidade, que se consegue pelo trabalho conjunto no espírito de amor e não por domínio autoritário. Atitudes apropriadas da liderança, com camaradagem e amor, são bastante importantes e significativas para assegurar o respeito, confiança e interêsse das mulheres da Igreja.

O Presidente Mckay, falando aos irmãos sôbre um nôvo plano missionário, fêz-lhes uma afirmação bastante significativa, que encaro como aplicável a tôda liderança da Igreja. Disse o Presidente Mckay, "Êste plano (falando sôbre o plano missionário) como o vejo, é um plano de educação e não de preceito". Pensando sôbre essa afirmação, podemos compreender como os líderes se comportam uns com os outros, no trabalho do Senhor.

Entretanto, obtemos do pessoal aquilo que dêles esperamos. Se esperamos bom desempenho, teremos bom desempenho. Se estamos satisfeitos com um desempenho medíocre, obteremos um desempenho medíocre.

Com a Igreja crescendo, precisamos procurar mais responsabilidades e sermos iguais nos maiores desafios de trabalho. Vocês têm um trabalho real a fazer na Sociedade de Socorro, pois requer constante avaliação própria do seu potencial, e dessa avaliação se determina se vocês estão medindo as potencialidades de suas designações.

Quando se convida alguém para trabalhar na Sociedade de Socorro, a liderança não pode diminuir o tempo ou a devoção requerida. Se as líderes ajudarem as trabalhadoras sob sua direção a terem uma perspectiva própria de suas designações e quais são os seus objetivos e propósitos, seguir-se-ão maiores realizações e resultados mais proveitosos.

Na seleção do pessoal para o serviço da Igreja, a liderança primeiro deve determinar por estudo e meditação o que requer o cargo a ser preenchido com respeito aos propósitos e objetivos do serviço. Quando isto fôr determinado, então a liderança procurará por alguém que possua as qualificações para o cargo e que seja inteiramente ortodoxo quanto às doutrinas e programas da Igreja. Quando se encontrar tal pessoa, depois de liberação apropriada é necessário explicar-lhe claramente o trabalho e o cargo que se espera dela, o tempo que dispenderá e se ela responder com entusiasmo ao desafio, convide-a a servir. Porém se ela se mostrar hesitante e lhe faltar entusiasmo ao chamado, então é melhor que se procure outra pessoa. Precisamos ter gente na organização da Igreja em quem se possa confiar para prestar um serviço completo e devotado.

Um outro ponto importante ao convidar as pessoas a servir, é a explicação acêrca do tempo de permanência no cargo. Nenhuma organização pode ter sucesso com a freqüente mudança de pessoal. A organização é assim chamada quando o pessoal permanece junto. Parece

que raramente treinamos alguém para um cargo importante na Igreja e todo cargo é importante — mas às vêzes uma substituição se faz necessária. Leva-se alguns meses para se solidificar numa posição e se ser efetivo no trabalho. A liderança, debatendo-se constantemente em treinar nôvo pessoal, acha muito difícil promover o programa completo da Igreja com sucesso para a bênção de seus membros.

Muito cuidado precisa ser tomado na seleção das secretárias qualificadas e eficientes, que sejam capazes e meticulosas com os registros e relatórios da Sociedade de Socorro. Bons registros darão melhor compreensão às presidências, a fim de que suas oficiais possam determinar o progresso da Sociedade de Socorro e saber onde é necessário ênfase e atenção especial.

A Sociedade de Socorro deve constantemente medir o seu progresso para determinar a sua direção. Sua primeira comparação poderia ser com o progresso da sua própria organização. Se quiser comparar sua organização com outra, precisa que seja com uma melhor e não com a média. O mesmo acontece com os negócios. Se um homem de negócios quiser comparar suas operações com outras, precisará encontrar o melhor concorrente em seu ramo. Então êle aprenderá algo que lhe será útil, por fazer seus negócios melhor sucedidos e mais rendosos. Êste princípio é válido para a Sociedade de Socorro. Sem dúvida vocês receberam relatórios comparativos, que lhes permitem saber o que as outras Sociedades de Socorro estão fazendo. Vocês desejarão igualar-se com a melhor e mais eficiente dentre elas na organização pela qual são responsáveis.

Uma coisa que sempre interessa em tôda organização é a direção. Observe a direção cuidadosamente; é forte ou fraca? Se a direção fôr fraca, mesmo que seja um pouco, então é hora de se redobrar os esforços da liderança, com todos os membros trabalhando juntos. Se uma organização fôr fraquíssima levará vários meses de trabalho realmente pesado para mudar a direção, para uma posição progressiva. Isto significa que a junta precisa ser sempre constituida de oficiais que trabalham constantemente.

Se um nôvo programa é introduzido deve-se manter uma supervisão cuidadosa para analisar se estatìsticamente resultou em alguma melhora; se não, a causa deverá ser determinada e atitudes apropriadas devem ser tomadas para corrigir-se a falha.

Parece-me que quando controlamos o ritmo do nosso tempo, não podemos esperar que as coisas aconteçam. Precisamos fazê-las acontecer e na direção certa para o sucesso da obra do Senhor; isto também se aplica à Sociedade de Socorro.

Na Sociedade de Socorro, as líderes devem avaliar, desafiar e comicionar suas colaboradoras para uma realização conscienciosa. É dever da liderança conhecer o programa. É dever de cada membro da junta se inteirar de cada ângulo e facêta de sua posição, porque se a liderança falha, o programa também falhará. Se um membro da junta não está fazendo seu trabalho com eficácia no seu campo de atividade, adversamente efeta todo o programa da organização. É importante que cada pessoa chamada realize o seu dever 100% eficientemente.

Levem os problemas que não podem resolver ou sôbre os quais estão incertas às autoridades do sacerdócio, cuja responsabilidade é ajudar e dar estímulo ao trabalho das irmãs.

Sei que minha palestra, irmãs, dirige-se mais às alas e estacas, entretanto, semelhantemente, se aplica às missões e juntas da Sociedade de Socorro dos Distritos e Ramos.

Reconheço, também, que nem sempre há disponibilidade de liderança capaz, qualificada e experiente em algumas estacas, alas, missões, distritos e ramos.

Vocês devem tomar e utilizar-se do melhor material que nosso bom Deus nos proporciona e com o ensino, treinamento e motivação espiritual para alcançar o vigor ideal de uma organização pela aplicação das sugestões que acabo de esboçar. A menos que trabalhemos constantemente por um ideal, êle nunca será alcançado. Deve haver um bom comêço, uma seqüência apropriada com um programa de treinamento produtivo para fortalecer todos os setôres de trabalho da Sociedade de Socorro. As líderes da Sociedade de Socorro devem ser exemplos reais do evangelho e padrões da Igreja.

Ao fazer êste discurso, irmãs, eu sei que a sua organização está funcionando bem. Vocês estão prestando um trabalho extraordinário, não sòmente às mulheres, mas a todos os membros da Igreja. Acredito que vocês são uma luz para o povo da Igreja e para o povo do mundo nas coisas que fazem. Mas se fôr possível fazer melhor, aperfeiçoar o trabalho, chegar ao povo que não está usufruindo da Sociedade de Socorro, então é sua responsabilidade fazer isto. Êste é um trabalho importante; São grandes os dias em que vivemos; muito é esperado de nós como povo do Senhor. Eu sei que se pode contar com a Sociedade de Socorro para fazer a sua parte efetiva e eficientetemente, organizar e funcionar bem para levar a cabo os princípios, ideais, programas e atividades da organização de tal maneira que o povo seja abençoado e fortalecido na fé e testemunho. Que Deus continue abençoando a vocês em tudo que fizerem neste grande empreendimento da Sociedade de Socorro. Eu oro, humildemente, em nome de Jesus Cristo, Amém.

(*continuão da pág.* 20)

98. A. Adam, em *Theologische Literaturzeitung*, 88 (1963), págs. 10f.

99. *Evangelho de Filipe* 132:20-25; 133:15. A. Adam, *op. cit.*, pág. 16, diz que a fonte real do sacramento cristão era o templo e não os mistérios pagãos, sendo êste fato ocultado pelo extremo sigilo que cercava as ordenanças do templo.

100. Discutido por C. Shmidt, *Geschpraeche Jesu mit seinen Jungern,...* Vol. 43 de *Texte und Untersuchungen*, 1919, págs. 201ff.

101. Crisóstomo, *In Matth. Homil.*, 46, em *Patrologia Graeca* 11:1208-9.

102. Nibley, *The World and the Prophets* (Salt Lake City: Deseret Book Company, 1957), págs. 3-5.

103. Orígenes, *Contra Celsum*, V. 19, em *Patrologia Graeca* 11:1208-9.

104. Latourelle, *op. cit.*, pág. 257.

105. Atos 1:3. "...os apóstolos... apenas compreenderam o Mestre gradual e vagarosamente," Bo Reicke, em *Interpretation*, 16 (1962), p. 160. Um caso extremo está no *Apócrifo de Tiago* 7:8, 10; 8:30; 11:6, em que o Senhor precisa prolongar sua permanência após a ressurreição por dezoito dias, porque os apóstolos não conseguem aprender a lição.

106. *Apócrifo de Tiago*, 2:33-39; *Apócrifo de João*, 19-22; *Atos de Tomé*, c, 47; *Evang. Barthol.* (fragmento), em *Revue Biblique*, 10 (1913) pág. 185. Jerome, *Adv. Pelag.* 2:15, diz que os apóstolos após a ressurreição pediram ao Senhor para dizer-lhes o que antes não lhes tinha dito. Assim também nos 127 *Canons dos Apóstolos*, Canon N.º 12; *The Discourse on the Abbaton*, Sec. 480; o *Evangelho dos Doze Apóstolos*, em *Patrologia Orientalia* 2:135, 160f.

107. Epístola dos Apóstolos 3(14), 5 (16), 11 (22).

NAUVOO

Nauvoo tal como vista por artistas e viajantes

Stanley B. Kimball

A fascinante história do Período de Nauvoo da nossa Igreja, embora até pouco tempo ignorada e esquecida, está sendo atualmente reestudada, reavaliada e reinterpretada tal como nunca o fôra antes. A Nauvoo Restoration Inc. já tem feito um considerável progresso no sentido da sua meta final de restaurar Nauvoo. A Southern Illinois University também muito tem feito a fim de contribuir para uma melhor compreensão e estudo de Nauvoo. Em 1962 escavou o local do Templo de Nauvoo e nos últimos 5 anos tem estado recolhendo cópias em microfilmes de todos os tipos de fontes sôbre a história da Igreja durante o período de Nauvoo. No momento, esta coleção, a maior do seu gênero, consiste de mais de noventa rolos de microfilme e continua crescendo. Uma segunda edição de um *Annotated Catalogue* desta coleção está atualmente em preparo. O National Park Service comissionou David F. Miller da Universidade de Utah, para escrever um livro sôbre Nauvoo, e a Imprensa da Universidade de Illinois acaba de publicar *Nauvoo: Kingdom on the Mississipi*. Assim mesmo, muito resta a ser feito neste importante período da história da Igreja, sôbre o qual até agora, desventurada e inexplicàvelmente, não há um levantamento erudito completo.

Em julho de 1962, a revista *The Improvement Era* publicou minha coletânea de desenhos, fotografias e literatura de viagens, pouco conhecidos, pertinentes a Nauvoo na década de 1840. Êste artigo é similar ao primeiro no que se refere à ação de viajantes, pouco conhecida ou completamente nova, e desenhos raros ou desconhecidos das décadas de 1850 e 1860. Por conveniência os relatos seguintes estão dispostos em três categorias: vistas de viajantes estrangeiros, de cidadãos americanos e descrições dos guias do rio e de imigrantes.

Por várias razões, o relato de um alemão, Dr. Moritz Wagner, é o mais interessante dentre os de visitantes estrangeiros. (1) Durante 1852 e 1853 Wagner fêz uma extensa excursão pelos Estados Unidos. Em outubro de 1852 êle estava em Nauvoo. Registra que mal havia 2.000 pessoas na cidade. Pernoitou na Mansion House e provàvelmente encontrou a viúva do Profeta, Emma Smith Bidamon, não obstante não o registre. (2)

A mais interessante e importante contribuição de Wagner é sua observação mais ou menos sêca de que "em 18 de outubro algumas pedras do Templo Mórmon foram vendidas na minha presença a um construtor de St. Louis por 1.500 dólares." (3) (Tem sido gasto considerável esfôrço por parte de vários membros da Fstaca de St. Louis na tentativa de localizar estas pedras. Até agora não encontramos nenhuma, mas tivemos sucesso em destruir várias lendas concernentes aos lugares por onde andam.)

Viajantes franceses, tanto quanto alemães visitaram Nauvoo. Os franceses foram particularmente atraídos à região por ter sido esta o quartel general do movimento icariano de 1849 a 1859. (4) Em 1855, um pequeno grupo de cinco famílias francesas provenientes da cidade industrial de Vienne, França, decidiu juntar-se à comunidade icariana em Nauvoo.

Somos afortunados pelo fato de dois membros dêsse grupo, Jean-François Crétinon, impressor, e François-Marie Lacour, chapeleiro, deixarem um diário de sua viagem a Nauvoo, um breve relato de Nauvoo, a história da sua desilusão com o movimento icariano e o seu subseqüente retôrno à França. (5)

Sabemos que Nauvoo, em 1855, era uma modesta comunidade de cêrca de trezentas casas, e que, embora chamada de *cidade* na América, era grande o suficiente para justificar apenas o nome de "villlage" na França, pois que lá estavam mais de 2.500 franceses, alemães, inglêses e habitantes "americanos" que pertenciam às igrejas luterana, católica, metodista e anabatista, e à comunidade icariana.

Contam a conhecida história da tentativa de reconstruir o templo, da sua destruição por um vento forte em maio de 1850, e da subseqüente edificação de uma escola com as pedras do templo, próxima ao templo. Lacour e Crétinon ficaram impressionados com o número de viajantes que visitavam Nauvoo, dizendo que quase todo barco do rio parava para que os passageiros pudessem visitar a comunidade. Relataram ainda que muitos barcos de excursão vieram a Nauvoo e que celebrações e festividades foram realizadas. É de particular interêsse para nós a declaração de que novos membros da Igreja, a ca-

minho do oeste para juntarem-se aos santos em Salt Lake City, freqüentemente davam longas voltas, de modo a fazer uma peregrinação a Nauvoo.

Alguns anos mais tarde outro francês, Ernest Duvergier de Hauramne, estêve por oito meses nos Estados Unidos. Nenhuma excursão aos Estados Unidos era então considerada completa sem se ver pelo menos uma parte do Vale do Mississipi. Com referência a Nauvoo, escreve êle: "... vê-se os restos de um imenso templo que os habitantes ainda não destruíram." (6) Disse que isso lembrou-lhe o Coliseu em Roma ou o palácio dos Césares.

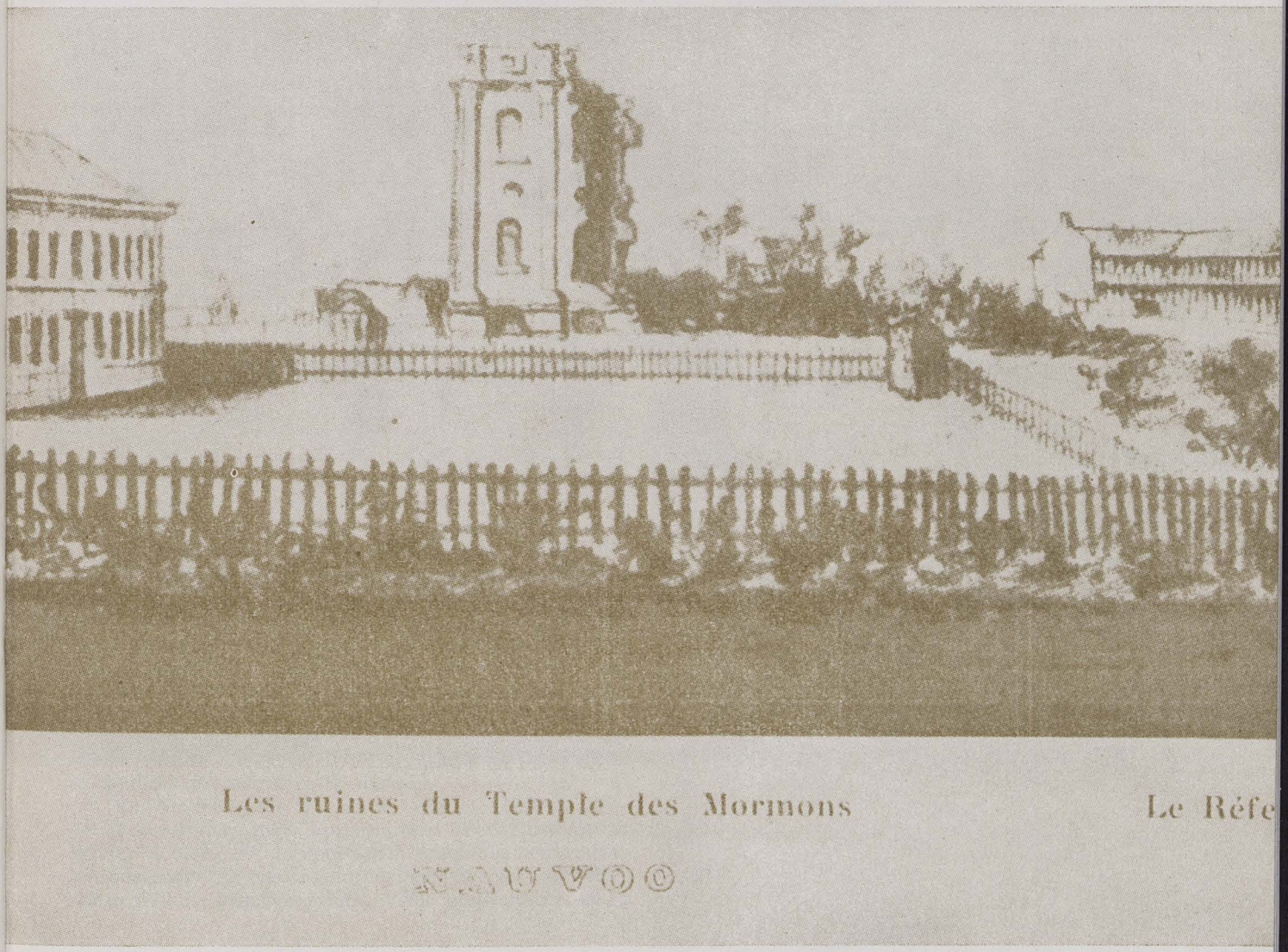
Os homens não eram os únicos viajantes no Mississipi naqueles tempos mais ou menos turbulentos. Uma solteirona sueca, artista amadora, Frederika Bremer, excursionou pela América coligindo material nos lares do Nôvo Mundo. Em 3 de novembro de 1850 ela estava no Mississipi viajando rio abaixo de Galena para St. Louis. Lamentàvelmente não parou em Nauvoo e anotou apenas que "estamos agora à vista de Nauvoo, antigamente capital do distrito Mórmon, e as magníficas ruínas do seu templo elevam-se sôbre a colina." (7) Relatou que os mórmons tinham-se ido para o Oeste, para as praias do Grande Lago Salgado e que Nauvoo estava então nas mãos dos icarianos.

O mais interessante e menos conhecido dos seguintes comentários e observações de cidadãos americanos é, seguramente, o de John Kirk, um homem de negócios que operou em Burlington, Iowa, e eventualmente estabeleceu-se em Chicago. Visitou Nauvoo em 3 de abril de 1853. Descreveu-a como um dos mais belos lugares que jamais vira para uma cidade e escreveu que "se tivessem sido deixados em paz até esta ocasião, que maravilha de mundo (Nauvoo) teria sido!" (8)

Aproveitou a ocasião para visitar a mãe do Profeta, Lucy Mack Smith. Enquanto a visitava em sua Mansion House, perguntou-lhe se permanecia firme na fé, e registrou

Desenho da "Ruina do Templo dos Mórmons," mostrando à esquerda a escola icariana e à direita o refeitório e os apartamentos, conforme surgiram em 1855.

A escola ainda está alì e hoje é usada como centro de informações. Esta é a mais conhecida ilustração da "Praça do Templo de Nauvoo." Reproduzida do livro Viagem a Icária, *de J.F. Crétinon,* 1855, *Paris,* 1952.



Esbôço a lápis de Nauvoo e do templo, do Rio Mississipi, por Henry W. Waugh, feita em 1888. *Essa figura foi publicada antes, sòmente uma vez. Cortesia da Sociedade Histórica de Missouri, St. Louis.*

o seguinte testemunho forte: "Estou para morrer. Posso viver até amanhã à noite. Posso viver uma semana. Sou membro da Igreja de (Jesus) Cristo (dos Santos dos Últimos Dias), e firme crente na fé mórmon, quero que digas a todos os que te inquerirem sôbre mim, que vivo nela e nela pretendo morrer. Meu filho Joseph, que foi morto pelos ímpios, foi um profeta, levantado por Deus para pregar o Evangelho eterno. Pregou-o no seu tempo, e agora está pregando-o na eternidade, e possui as chaves da sétima dispensação. Possuiu-as no seu tempo e as possui na eternidade, e recebeu as placas de ouro do anjo de Deus, das quais o Livro de Mórmon foi traduzido, e meu filho Hiram (Hyrum) possuiu as chaves da Dispensação Patriarcal. Possuiu-as no seu tempo e as possui agora na eternidade."(9)

Pouco após a visita de Kirk, um irlandês de nome Jeremiah O'Donovan desceu o Mississipi de Galena para St. Louis. A caminho, o capitão deu ordens para escalar em Nauvoo para apanhar água potável. "Estava ansioso," escreve O'Donovan, "para ver o grande Templo de Nauvoo, uma das maravilhas da América... Estava embriagado de espanto, e admiti imediatamente que os relatos até ali concernentes a êle não tinham sido espùriamente exagerados." Descreve os êrmos desolados, a dilapidação, as casas sem teto, e os cães e porcos que vagueavam à vontade.

Em 1854, Edmund Flagg contribuiu com um artigo sôbre Nauvoo e os Mórmons para o Livro *The United States Illustrated*, editado por Charles A. Dana. A maior parte da informação de Flagg consiste de um esbôço histórico, mas escreve que a população de Nauvoo na época era de cêrca de 3.000 habitantes e que abaixo da cidade alguns milhares de mórmons "tinham acampado em preparo para a imigração para Salt Lake City." (10)

O mais imaginoso do grupo de viajantes que visitaram Nauvoo durante êste período foi John C. Van Tramp, que fêz algumas "aventuras" nas pradarias e nas Montanhas Rochosas. Por volta de 1866 visitou Nauvoo. Chamou o templo uma "magnífica obra de arte," e um "maravilhoso monumento de unidade e energia de um estranho povo." Nesse ponto êle deixou a sua fantasia correr sôlta e informou seu leitores que "homens e donzelas engrinaldavam os bois" que suportavam a pia batismal; que as paredes eram decoradas com "ornamentos simbólicos," sem dúvida uma referência às pedras do sol, da lua e das estrêlas; que a dedicação do templo foi iluminada com o "esplendor de lâmpadas e archotes"; e que "preces eram proferidas, e entoados cânticos, e os bispos eram paramentados em vestes sacerdotais."(11)

Os guias do rio para imigrantes da época em geral descreviam Nauvoo para turistas e viajantes. O *Conclin's New River Guide* de 1853, por exemplo, devotou vinte e sete linhas a Nauvoo, nas quais é apresentada uma história mais favorável. É relatado que havia "algumas vivendas magníficas" em Nauvoo, que havia "dificuldades" entre os mórmons e os cidadãos da região circunjacente, que Joseph Smith "foi assassinado por um bando armado," e que "atritos subseqüentes conduziram à expulsão dos mórmons do Estado."

Em *Garden of the World: A Complete Guide to Emigrants* de Dana, 1853, aparece uma breve história da Igreja; a morte de Joseph Smith é acuradamente apresentada como um "assassínio por linchamento". O breve relato termina com o seguinte: "Não muito depois desta terrível demonstração de hostilidade do povo (do Condado de Hancock) os mórmons deixaram sua próspera cidade e se mudaram para o oeste do Mississipi.

"O lugar é agora de comparativamente pequena importância, não obstante o belo sítio da cidade e o magnífico cenário das vizinhanças recompensem uma visita turística." (12)

No *Edward's Descriptive Gazetteer and Commercial Directory of the Mississipi River* de 1866 encontra-se uma informação algo surpreendente e bem humorada de que Nauvoo tinha uma população de 4.000 habitantes — uma mercearia, duas lojas de ferragens, dois hotéis (um dos quais era a Mansion House), três médicos e quartorze fabricantes de vinho e conhaque.

Tal como foi mencionado no artigo do autor (*The Improvement Era*, pgs. 512 e seguintes), o rio e o vale do Mississipi eram temas favoritos dos pintores. Recentemente o autor descobriu quatro representações de Nauvoo na década de 1850, parcamente conhecidas.

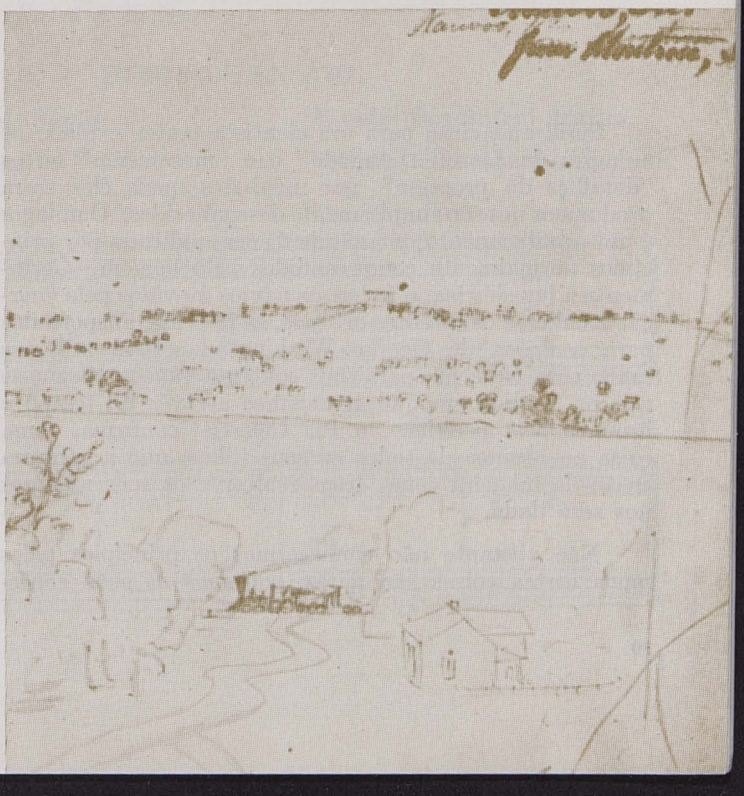
Por ocasião da retro-mencionada peregrinação a Nauvoo por um grupo de icarianos em 1855, alguém fêz um desenho do templo de Nauvoo que mostra o sítio do templo durante o período icariano, melhor que qualquer outra ilustração conhecida. (Veja a ilustração 1) Não há indicação sôbre quem tenha feito o desenho, mas está hoje em posse da família Lacour na França e está impressa em *Viagem a Icária*, de Crétinon, defronte à página 14.

Pouco mais tarde, em 1858, um tal Henry W. Waugh fêz alguns esbôços a lápis de Nauvoo e do Templo de Nauvoo... Pouco se sabe sôbre a vida de Waugh mais do que o fato que nasceu por volta de 1833, foi pintor de cenários, panoramas e paisagens, trabalhava no Meio-oeste, em meados do século dezenove. Acredita-se que sua representação de Nauvoo é aqui reproduzida pela primeira vez. (Veja ilustração 2). Sua ilustração do templo não foi impressa senão uma vez.

O autor descobriu ainda uma outra vista desconhecida de Nauvoo. (veja a ilustração número 3) É um esbôço a lápis de Nauvoo, vista pelo lado de Iowa, por Edwin

(*continua na pág.* 7)

um esbôço a lápis, "Nauvoo, Ill., desde Montrose, Iowa," de Edwin Whitefield, feito em 1856 ou 1857. Cortesia da Sociedade Histórica de Missouri, St. Louis.



de um quadro de Leon Augustin Lhermitte — Museu Judaico de Nova York

escola dominical

UM CIENTISTA FAZ OBSERVAÇÕES SÔBRE OS MILAGRES DE JESUS

H. Tracy Hall

Seria audacioso para um cientista tentar explicar os milagres de Jesus. O "modo" e o "mecanismo" ou os "detalhes do processo" por meio dos quais êles eram produzidos nos são simplesmente desconhecidos. O milagre é um acontecimento que não pode ser explicado por princípios normalmente compreendidos pelo homem. Certamente a luz elétrica, o nylon, os navios movidos pela energia atômica e os satélites orbitais, se fôssem transportados para a época de George Washington seriam milagres tanto para êle como para seus contemporâneos. Segue-se que na medida em que avançamos através do tempo e lutamos pela perfeição, o Pai Celestial confirma, como coisa ao alcance de todos os seus filhos, que a compreensão da maneira como Jesus realizava os seus milagres nos será dada.

Não obstante não conhecermos os princípios pelos quais certas coisas são feitas, sofremos as suas conseqüências diàriamente. A maior parte das pessoas não compreende os detalhes do funcionamento dos automóveis, rádios, filmes coloridos e até mesmo mesmo da fechadura da porta. Apesar dessa ignorância, não somos impedidos de usufruir as vantagens e gozar as bênçãos que essas coisas oferecem.

Através de um complicadíssimo aparelho (funcionamento interno), a televisão fixa e observa acontecimentos que têm lugar a milhares de quilômetros uma fração de segundo depois de êles terem acontecido e para isso é necessário, apenas, ligá-la, virar o seletor para o canal que nos interessa e talvez ajustar o contrôle de volume. Pode ser, também, que enquanto estamos cômodamente sentados em frente da televisão, usemos um aparelhinho que transmite instruções por meio de contrôle à distância, cujos sinais são inaudíveis para o ouvido e invisíveis para os olhos.

Comparados com os conhecimentos de Jesus, os conhecimentos humanos são muito pequenos. Os homens usam processos complexos, laboriosos e complicados (à luz dos conhecimentos do Senhor) para conseguir coisas que Jesus pode fazer com uma simples ordem. Por exemplo, um processo simples de acalmar o mar consiste em jogar na água milhares de litros de óleo. Tal processo é sujo, parcialmente eficaz, imperfeito e temporário.

Em certa época do seu ministério Jesus entrou num barco com os seus discípulos. Enquanto dormia, sobreveio uma grande tempestade e o barco foi coberto pelas ondas.

> "E os seus discípulos aproximando-se o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos. E Êle disse-lhes: Por que temem, homens de pouca fé? Então, levantando-se, repreendeu o vento e o mar, e seguiu-se uma grande bonança. E aquêles homens se maravilharam, dizendo: Que homem é êsse que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (Mat. 8:25-27)

Por uma simples ordem, "Levanta-te e toma a tua cama" (Mat. 9:6), "Quero: Sê limpo" (Mat. 8:3), "Cala-te e sai dêle" (Marcos 1:25,) "Cala-te aquieta-te" (Marcos 4:39), Jesus curou um homem paralítico, curou um leproso, expulsou um espírito imundo e também acalmou o mar revolto.

Da mesma maneira que um homem qualquer não precisa ter conhecimentos técnicos referentes à eletricidade, luz, calor, química, física, mecânica, física nuclear, etc., de coisas tais como aviões, som estereofônico, refrigeração, computadores, penicilina, etc., para gozar os benefícios dessas coisas, do mesmo modo ninguém precisa conhecer os detalhes técnicos com os quais Jesus fêz os seus milagres para gozar os benefícios das coisas que faz.

Não haja enganos — como cientista, possuindo uma mente pesquisadora, gostaria de conhecer detalhadamente os princípios pelos quais Jesus realizava os seus milagres. Acho que vivendo o seu evangelho, de acôrdo com as suas leis, virá o dia em que será possível conhecê-los. Contudo, devo salientar que o Pai Celestial nos tornou acessíveis os frutos dos princípios que Êle conhece, sem que tenhamos o seu conhecimento. Êles se tornam acessíveis pelo simples uso de uma chave chamada *fé*.

"A tua fé te salvou" (Mat. 9:22), "Seja-vos feito segundo a vossa fé" (Mat. 9:29), disse Jesus quando curou o doente e deu vista ao cego.

Sem dúvida nenhuma adquirir fé é importante. Em certa ocasião os apóstolos disseram a Jesus, "Aumentai a nossa fé." A resposta de Jesus envolvia certa censura e dava a entender que a fé era algo a ser conquistada e não para ser dada. . ." Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: desarraiga-te daqui e planta-te no mar; ela vos obedeceria." (Lucas 17:6)

Em outra ocasião Êle disse a seus discípulos que se tivessem fé, mesmo pequena quanto um grão de mostarda, poderiam remover montanhas. (Mat. 17:20)

As Regras de Fé da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias mencionam que o primeiro princípio do Evangelho é a fé. Ela pode ser desenvolvida e aumentada pelo reconhecimento e pelo arrependimentos dos nossos pecados, por viver os mandamentos e os princípios do evangelho, pela oração e pelo jejum. É uma experiência que pode ser realizada por cientistas e por não cientistas, do mesmo modo, e aumentará a fé de ambos. A fé vem sòmente através de uma vida reta e sòmente pode ser usada para finalidades retas.

Os milagres de Jesus eram realizados por compaixão pelos desafortunados e para demonstrar, dentro do tempo e das circunstâncias, seu poder e autoridade e para fazer saber que o seu poder (pelo menos em parte) era acessível aos seus discípulos.

O maior milagre de Jesus foi a sua ressurreição, após a crucificação, quando expiou os pecados da humanidade e tornou possível a todos os mortais levantarem-se um dia da sepultura reunindo o corpo e o espírito. Além disso, todos os que guardarem os seus mandamentos ganharão a vida eterna e viverão com Êle e nosso Pai Celestial numa região de indiscritível beleza, amor, paz, glória, compreensão e satisfação.

Semelhantemente ao que se passa no interior do aparelho de televisão, a expiação e a ressurreição podem ser mistérios para nós, porém os benefícios estão ao alcance de todos aquêles que aprenderem os simples princípios para pô-los em funcionamento. O princípio maior entre êles é o da fé.

para março

JOIA SACRAMENTAL

Escola Dominical Sênior

Salmos 1:1.

Escola Dominical Júnior

Lucas 17:6.

Recitação em Conjunto

Curso 6 – João 16:24.
Curso 7 – Mateus 23:12.

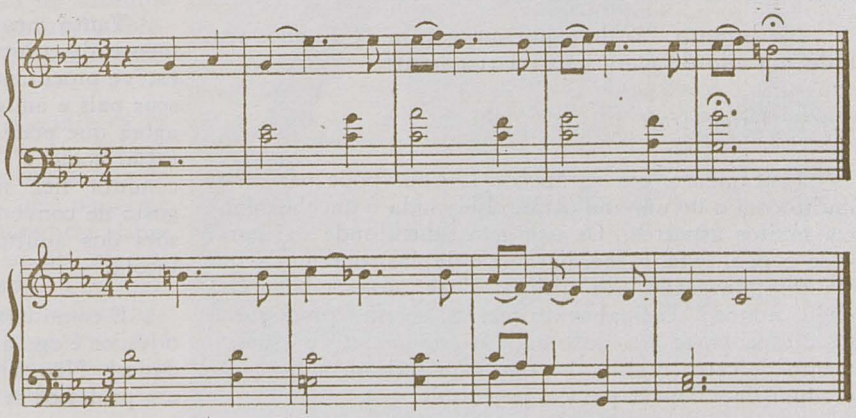
HINOS DE ENSAIO

Escola Dominical Sênior

"Corações, pois, exultai," 110.

Escola Dominical Júnior

"Sejam todos bem-vindos," 68



SEXTO CAPÍTULO DA SÉRIE
"ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS OS MENINOS ?"

O PERÍODO QUENTE E FRIO

(continuação)

por *W. Cleon Skousen*
Chefe de Polícia de Salt Lake City

(Normas de conduta e problemas entre os 12 e os 13 anos)

Retrato de um garôto de 12 *anos*

A adolescência é como um passeio em montanha russa, no qual os 12 anos são a subida inicial, fácil e calma, que leva ao alto — para em seguida precipitar-se no vácuo, a grande profundidade, com a entrada do ano seguinte.

Um rapazinho de 12 anos percebe que está escalando alturas novas e estimulantes. Êle sabe também que não compreende boa parte do que está acontecendo, mas faz a escalada a passos largos. Assim como aos 3, 5, 7 e 10 anos, o júnior pressente que tudo acabará bem. Já não é mais tão rebelde, intratável e insolente como era nos seus impulsivos 11 anos. Dá-se melhor com os adultos, inclusive pais e professôres e gosta mais de obedecer do que no ano passado. Por isso, ouve sua mãe sussurrar para o pai: "Acho que o júnior tomou jeito." Mas o pai só resmunga em resposta. Êle já viu o júnior "acomodar-se" outras vêzes. O que lhe importa é saber quando a família deverá preparar-se para o *próximo* acesso. Êle lembra-se bem de sua própria adolescência, para saber que é um contínuo suceder de altos e baixos.

No entanto, via de regra, um garôto de 12 anos tem todo um ano de maré baixa à sua frente.

Traços fisiológicos

Fìsicamente, um garôto de 12 anos pode parecer-se muito com o de um ano atrás. Êle ainda é um "menino" em muitos aspectos. Os pais não sabem onde vai parar todo o pão, leite, carne, batatas e duplas sobremesas que êle tem devorado nos últimos doze meses. Não fará efeito nunca ? E finalmente faz. É comum processar-se na última parte dos doze anos o crescimento e espessamento de ossos e músculos que caracterizam a transição gradual da infância para a juventude.

Contudo, o crescimento rápido requer tanta vitalidade que às vêzes compete com o entusiasmo do júnior por atletismo e outras atividades físicas. Por isso, é possível vê-lo queimar grande quantidade de energia num jôgo de futebol, para depois arrear completamente em casa. Não é fingimento, não! É o recurso utilizado pela Mãe Natureza para dizer que o júnior está "no prego" e precisa repousar. Seu índice de recuperação pode ser baixo — exigindo geralmente diversas horas — e se êle fôr empurrado de volta à atividade, antes da revitalização, talvez comece a ficar muito suscetível a resfriados e outras moléstias em grande parte provocadas pela falta de resistência.

É comum um garôto de 12 anos queixar-se com freqüência de seus pés. Isto não pode ser ignorado. A fraqueza resultante do rápido crescimento pode fazer com que a musculatura do arco de seus pés afrouxe. Além disso, sapatos inadequados para pés que crescem depressa demais podem causar sérios problemas mais tarde.

Mentalidade e emoções de um garôto de 12 *anos.*

Tanto mental como emocionalmente, o júnior geralmente descobre aos 12 anos a maioria das coisas que estêve procurando durante os onze. Êle não desafia mais seus pais e amigos para provar do que é capaz, pois sabe agora que pode dar mais ou menos como certa sua aceitação como é. Sente-se, portanto, mais confiante. Sua conduta fica mais generosa, menos egocêntrica. Êle gosta de conversar com as pessoas e imita muitas expressões dos adultos. Além disso, também vai melhor na escola.

E como não está mais tão concentrado em si mesmo, o júnior é agora um bom ouvinte. Mas apenas para novidades! Não suporta ouvir uma piada duas vêzes. Se um professor se esquece de onde interrompeu um assunto

e recapitula um pouquinho, o garôto de 12 anos fica exasperado, porque "já ouviu isso".

O rapazinho está agora ficando sofisticado. Orgulha-se de manter suas emoções e receios sob contrôle e queixa-se de que as histórias de mistério já não o amedrontam. Vangloria-se também "de não chorar mais como um bebêzinho". Na realidade, êle é capaz de uma boa choradeira, mas isto não acontece mais com freqüência. Uma conquista sua que é muito mais notável, mas raramente mencionada, é o fato de que desde que completou 12 anos não tem mais as explosões de mau gênio que tinha um ano antes.

Vida social de um garôto de 12 anos

No que concerne à sociabilidade, o júnior é muito melhor ajustado aos doze anos do que um ano antes. Isto recordará a seus pais os bons tempos dos 9 ou 10 anos. Porém, êle se queixará com freqüência de que seu pai está "ocupado demais e deveria passar mais tempo em casa." Isto talvez não seja bem verdade, mas é um bom investimento de tempo para um pai fazer programas semanais com êle, trabalhando e jogando juntos, ou talvez só conversando. O pai deve-se preparar, no entanto, para a descoberta de que um garôto de 12 anos, na verdade, não precisa tanto da atenção do pai quanto quer pretender. O fato é que muitos pais, com dor de consciência, cancelam entrevistas importantes a fim de passar algum tempo com seu filho, para descobrir depois que quinze ou vinte minutos juntos é tudo o que o menino consegue suportar. Os interêsses de ambos estão ainda muito distanciados. A menos que se empenhem em algum passatempo ou trabalho comum, o companheirismo ràpidamente se devanece, e o garôto afasta-se para procurar um de seus amiguinhos. Dentro de um ou dois anos o júnior já estará preparado para "longos bate-papos" ou simplesmente para "fazer companhia."

Aos 12 anos, no entanto, um garôto não só acha difícil passar muito tempo com seu pai, como também não tem amigos íntimos em sua própria turminha. Êle os repassa a todos, tendo cada vez um favorito. Acima de tudo, o pequeno gosta das pessoas em grupos. A discriminação vem mais tarde.

Atitudes e aptidões

As opiniões de seus amiguinhos são muito importantes para um garôto de 12 anos. É comum elas prevalecerem sôbre as de seus próprios pais. O pequeno ouve àvidamente seus prós e contras a respeito de assuntos importantes, como "os melhores filmes", "garôtas", "professôres favoritos" e "quem será que vai ganhar o campeonato."

As atitudes e aptidões de um garôto durante os 12 anos tornam esta época ideal para orientá-lo com decisão para alguma organização juvenil. Mas deve-se tratar de um programa organizado. Êle aprecia um uniforme "legal", bastante disciplina e muitas atividades bem planejadas. Chega mesmo a ajudar na organização, mas ai daquele dia se um projeto não fôr executado. Uma pesquisa recente sôbre os motivos de abandono de uma liga nacional de jovens dos Estados Unidos demonstrou que os meninos geralmente perdiam interêsse "porque nunca se fazia nada", ou "porque nada era organizado."

É comum garôtos desta idade manifestarem um entusiasmo absorvente por atletismo. No entanto, existem muitos rapazinhos perfeitamente normais que não têm êsse interêsse. Êles afastam-se do futebol, bola-ao-cesto ou qualquer outro esporte com times organizados. É comum participarem, quando o programa da escola o exige, mas não voluntàriamente, para divertir-se. Contudo, há uma modalidade de esporte que geralmente atrai êste tipo de garoto — é a natação. Parece que êste é o favorito universal e muitas escolas e colégios a estão incluindo em seu programa de atletismo. Garotos dêste tipo podem também aplicar-se a algum tipo de esporte especializado, tal como o tênis, a luta livre, o gôlfe ou o bone.

Serão o certo e o errado importantes?

As autoridades geralmente estão de acôrdo em que por volta dos 12 anos um garôto já deve ter sobrepujado a maioria de seus problemas com mentiras e furtos. Em condições normais, os pais podem considerar-se atrasados se seu filho de 12 anos ainda não conseguiu isto. Haverá exceções, naturalmente, mas devem ser raras. Mentira ou furto é o que a lei classifica como "delinqüência."

As autoridades ressaltam que se um menino não tiver desenvolvido valôres éticos razoàvelmente maduros até

Foto de Floriano P. da Costa

os 12 anos, êle provàvelmente se meterá em encrencas, ao tentar atender a seus novos critérios e poderosos impulsos que nêle despertam durante a adolescência. Por exemplo, muitas coisas que achava terrìvelmente "feias", quando criança, serão vistas com muito maior condescendência. Assim sendo, êle será muito mais tolerante com relação a impropérios, bebida e fumo e poderá tentar tudo isso. Êle talvez classifique essas coisas como "adultas" e fazer "coisas de gente grande" é tremendamente importante na adolescência. Entretanto, estas coisas são armadilhas para um garôto em crescimento. Vulgaridade e "bôca suja", de um modo geral, afastam-no dos adultos e da turminha bem sucedida na escola. Beber, entre os adolescentes, significa sempre "encher a cara" até ficar alto. E ficar alto é desastre à vista. Implica em fazer coisas insensatas — com pessoas, carros e consigo mesmo. Fumar é algo mais. Não é espetacular como beber, mas é um símbolo. Representa desafio. Só serve para mostrar "aos pais ou aos mais velhos que o mundo é livre." Não existe prazer em fumar até depois que se adquire o hábito. Aí é uma necessidade. Como explicou um rapazinho: "Tenho que fumar para não ficar de fora." E depois acrescentou — "posso parar, se quiser. Já larguei diversas vêzes."

Outro elemento que em geral surge com a primeira adolescência é um inesperado talento para contar histórias sujas. Elas não têm para êle a metade do significado que têm para o adulto que por acaso as escuta, mas é chocante para um pai ouvir as estrepitosas gargalhadas que acompanham alguma história misteriosa, contada por seu filhinho de ar inocente. Aos onze anos, os garôtos já começam a se reunir freqüentemente, para contar piadas e empregar expressões vulgares, mas seu assunto principal, naquela idade, gira em tôrno das funções fisiológicas, tais como os processos de eliminação. Por volta dos doze anos, contudo, o garôto começa a sentir uma tremenda fascinação por sexo. Secretamente, êle desejaria conhecer mais sôbre isso e ri forçado tôda a vez que o assunto é mencionado. É comum êste nôvo tema misterioso tornar-se uma tremenda fonte de humor para um menino de doze anos e mesmo uma piada sem graça e mal contada sôbre o assunto provoca nêle verdadeiros ataques de riso.

As autoridades acham que esta inclinação por histórias sem graça, nesta idade, não passa de uma tentativa de mostrar valentia e provar conhecimento sôbre um assunto que os garôtos geralmente reconhecem não estar ao seu alcance. Dá-lhes uma sensação de segurança ver as "coisas" que sabem contar como se soubessem tudo a respeito do assunto. Talvez esta seja a forma de a Mãe Natureza anunciar: "A puberdade está próxima."

Problemas da puberdade

O desenvolvimento físico que conduz à puberdade leva muito tempo. Como já se mencionou prèviamente, as crianças normais tornam-se sexualmente conscientes por volta dos 3 anos de idade. Portanto, a aproximação da puberdade, no princípio da adolescência, é simplesmente um recrudescimento de sensações que vêm crescendo gradualmente através dos anos.

De fato, bem antes da puberdade um garôto já terá algo com relação a essas poderosas fôrças da vida que operam dentro dêle. Ou terá tentado sublimá-las e controlá-las, ou terá procurado oportunidade de explorá-las. Êle poderá ainda ter batalhado para a frente e para trás em ambas as direções, durante o correr dos anos. É extremamente importante que os pais compreendam isto. Aquêles que deixam filhos pequenos juntos por muito tempo, sem supervisão, podem esperar que por volta dos 4 ou 5 anos já se tenham tornado suficientemente curiosos a respeito de si mesmos e de suas sensações para tentar fazer algo com elas. Esta curiosidade natural e inerente torna as crianças pequenas muito vulneráveis a exploração por crianças mais velhas ou tarados. Estudos da conduta imoral revelaram que freqüentemente experiências desafortunadas na primeira infância provocam mais tarde promiscuidade ou atividade anormal e desviada.

A puberdade deve ser discutida por um pai com seu filho de forma natural, normal. Um garôto precisa compreender que conquanto a vida seja uma coisa portentosa e extraordinária, foi preparada para ser feliz e satisfatória. Muitos pais sabem que suas próprias vidas poderiam ter sido bem melhores se alguém lhes tivesse ensinado que o contrôle dos podêres da procriação, desde a tenra idade, é essencial ao tipo de vida mais feliz e satisfatório. Todo o garôto merece saber isto e deve ouvi-lo de seu próprio pai, se possível.

Não deve ser difícil para um pai dizer a seu filho de 12 anos, de forma natural, o que a puberdade representará para êle. O garôto deve adquirir uma compreensão bem ampla de sua própria fisiologia e do desenvolvimento glandular que caracteriza êste estágio de sua existência. Existem muitos livros bons a êste respeito. Êle deve compreender que as tensões que procurá controlar são fàcilmente estimuláveis e que será mais fácil se êle evitar deliberadamente fotografias obscenas e literatura pornográfica, que "alguns garôtos" irão mostrar. O garôto precisa saber que a atividade física será a melhor forma de distrair-se dos pensamentos mórbidos que procurarão ocupar sua mente. Deve-se-lhe assegurar também que os estranhos vôos de imaginação que sua mente poderá dar em sonhos são uma coisa que acontece a todos. Êles precisam apenas ser aceitos como parte do "crescimento". Uma discussão dêste tipo descerrará o véu de mistério que envolve muitas experiências novas, reservadas para um garôto de 12 anos, e deve auxiliá-lo e protegê-lo dos sentimentos de temor e culpa que de outra forma poderão se insinuar em sua mente.

Um pai sábio tem também uma ou duas sugestões para fazer a seu garôto, a respeito das atividades ilegítimas de seus colegas de escola ou de turma. Mesmo algum adulto poderá tentar induzi-lo a abandonar a sublimação e o contrôle em favor da exploração. Os pais que nunca discutem tais problemas com seus filhos, porque pensam "Meu garôto jamais cairia em nada disto" estão apenas enganando-se a si mesmos. Os policiais de tôdas as partes aprendem através dos milhares de casos que são obrigados a processar anualmente, que o garôto ignorante e pouco preparado é o mais vulnerável de todos.

Por outro lado, um garôto é realmente afortunado se tem um pai que o aconselhou com cuidado através dos anos. Quando isto é feito, o rapazinho pode se aproximar da puberdade com compreensão e confiança. Êle pode também penetrar nas estranhas paragens da adolescência com a determinação expressa de continuar moralmente continente, como parte de sua maturidade e preparação para o casamento. Muitos adultos que lerem êste artigo terão atingido com sucesso esta meta elevada e mesmo aquêles que não foram tão bem sucedidos reconhecerão, sem dúvida, seu valor e sinceramente recomendá-la-ão a seus filhos.

Continua.

DEDICADA A ITÁLIA

TURIM, 10 (NOV, 66) — A dedicação da terra da Itália para a pregação do Evangelho e o comparecimento à Conferência dos Serventuários Mórmons em Berchtesgaden, foram os pontos altos da recente visita do Élder Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, à Missão Européia. Acompanhado da Sra. Benson, também realizou conferência com os chefes e juntas das agências da Igreja em Frankfurt, visitou missionários e autoridades cívicas em várias cidades.

Elder Ezra Taft Benson e o Prefeito de Frankfurt, Dr. Wilhelm May.

"A complacência", observou o Elder Benson, "continua sendo o nosso maior problema de proselitismo na Missão Européia, onde a prosperidade continua a níveis sem precedentes."

Disse que dois acontecimentos perturbaram um pouco a complacente prosperidade. "A saber, a mudança forçada de liderança na Alemanha, resultante da derrota do chanceler Ludwig Erhardt, que tem sido o arquiteto do programa econômico alemão de pós-guerra, e segundo, as devastadoras inundações na Itália.

"Entretanto," disse êle, "tôdas as missões continuam a relatar um contínuo progresso no nosso trabalho". Missionários e líderes das sete missões são "entusiásticos e devotados ao seu trabalho e estão especialmente satisfeitos com os resultados que estamos obtendo com o uso do Livro de Mórmon e auxílios áudiovisuais que foram recentemente desenvolvidos nas missões."

A nova missão italiana, assim como as missões do setor germânico relatam excelentes resultados mediante o emprêgo de uma pequena brochura intitulada: "Uma Igreja para Todo o Mundo", também disponível em língua italiana.

A 10 de novembro de 1966, Elder Benson dedicou a Itália para a pregação do Evangelho. Havian planos para dedicar a terra em Florença, mas devido às terríveis inundações, êle e a Sra. Benson juntaram-se ao Pres. e Sra. John Duns Jr. da Missão Italiana e sua filha, e dirigiram-se a Turim, onde 35 missionários estavam reunidos numa região intocada pelas inundações.

"Em sequência à reunião num pequeno salão alugado, e sentindo que o Senhor aprovara nossos planos, dirigimo-nos todos à vila Turre Pelice, num belo e pequeno vale, tributário do grande Vale do Piemonte, que se centraliza em Turim.

"Galgamos a encosta da montanha e, tão próximo quanto podíamos determinar, ficamos aproximadamente no mesmo lugar onde Lorenzo Snow havia dedicado a terra, 116 anos e nove dias atrás. Era um belo lugar, sobranceiro ao encantador vale verde, com o murmúrio que nos chegava distante e a vista de duas cordilheiras de cumes nevados.

"Lágrimas foram derramadas nessa ocasião," disse o Elder Benson, "ao recebermos o testemunho de que muitos dos filhos de nosso Pai há tanto em trevas, agora receberiam o Evangelho. Cantos de louvor encheram o vale enquanto os aldeões observavam curiosos."

"Temos agora dois ramos italianos e sete serventuários em operação. Há três escolas missionárias onde os missionários permanecem por quatro semanas aprendendo o idioma, as lições de proselitismo e os hábitos e costumes do povo. Há 114 missionários na Itália, em duas zonas com sede em Bréscia e Nápoles. Foi organizado um pequeno ramo em Palermo, Sicilia."

NOVA ESTACA NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 20 (NOV. 66) — A primeira estaca na Argentina e número 423 na Igreja, foi organizada em Buenos Aires em 20 de novembro de 1966 sob a direção do Élder Spencer W. Kimball do Conselho dos Doze, assistido pelo Élder Franklin D. Richards, Assistente dos Doze.

A Presidência da nova estaca, presidentes Catron, Abrea a Avila.

Angel Abrea, natural de Buenos Aires e segundo conselheiro da Presidência da Missão Argentina, foi apoiado como primeiro presidente da estaca.

Seus conselheiros são Hugo Angel Catron, que tinha sido primeiro conselheiro da presidência da missão e Juan Carlos Avila, ex-segundo conselheiro da presidência do Distrito de Buenos Aires. Todos os membros da presidência da estaca são conversos.

Pres. Abrea é auditor da Haskins & Sells, uma firma internacional de contadoria e auditoria. Recebeu seu grau de Contador Público Autorizado na Faculdade de Buenos Aires em 1961, e foi tesoureiro municipal da Província de Sarmiento.

Converso desde 1943, presidiu o Distrito de Buenos Aires e um ramo, serviu também como primeiro conselheiro da presidência da missão, tendo sido anteriormente segundo conselheiro da presidência do Distrito Central.

Esposou Maria Victória Chiaparino de San Martin, Buenos Aires. O casal possui três filhos.

Pres. Catron é encarregado de controle de qualidade de Caseros e membro da reserva do exército.

Serviu por dois anos em missão de 1956 a 1958 e tem sido líder dos Cavalheiros na Associação de Melhoramentos Mútuos para os jovens de 12 anos para cima.

Esposou Maria Rosário Surache de Mar del Plata, ambos tem dois filhos.

O pres. Avila recebeu seu grau na Faculdade de Comércio. Também ocupa-se em contadoria como encarregado de operações com máquinas em uma grande firma.

Também natural de Buenos Aires, esposou Hermínia C. Bonina de Liniers, e tem três filhos.

Também cumpriu missão e suas designações na Igreja incluem cargos de conselheiro de ramo e de distrito, e também de presidência de missão. Foi presidente do ramo de Floresta, tendo anteriormente servido como Superintendente Associação de Melhoramentos Mútuos.

A estaca consiste de sete alas. A primeira combina os os ramos de Liniers e Ezeiza, tendo por Bispo Antonio Gianfelice; a segunda combina os ramos de Villa Sarmiento e parte do ramo de Castelar, com Emílio Vergilli como Bispo; a terceira compõe-se dos ramos de Merlo e Castelar, seu Bispo é Oswaldo Barello.

As seguintes alas têm por bispos Juan Carlos Citadini, Egeo Gabasa, Francisco José Herrera e Miguel A. Avila.

(continuação de pág. 13)

não poderá ter sua felicidade e alegria aumentadas a menos que se disponha a abandonar um padrão corrente que lhe dá certa satisfação.

Se o parceiro acha o caminho áspero, talvez uma nova experiência possa ajudar a ambos. A vontade para experimentar deixa-nos atados aos modelos comuns de satisfação que são sempre limitados. O Progresso Eterno consistirá sempre no esfôrço de nossa parte para abrir novas áreas de entendimento e beleza.

Durante o tempo em que eu lecionava numa das principais universidades do leste, havia na classe uma senhora casada que tinha um filho. Descrevia os seus cinco anos de casada como tendo sido uma vida de cão e gato, sob o ponto de vista "relações"; tinha vivido como se não precisasse de nenhum homem. Como conseqüência disso, o marido a tratava com tirania. Quando os conheci, estavam quase se separando. Ela achava que o marido a estava pressionando e que precisava defender-se. Conseqüentemente, as refeições nunca eram servidas à hora, os arranjos eram descuidados e a casa era uma confusão. Certo dia ela considerou que talvez estivesse pressionando o marido. Por isso, decidiu-se a deixar passar alguma coisa e experimentar fazer algo que êle gostasse. Certa noite preparou seu prato favorito e serviu-o quando êle chegou à casa. Êle ficou tão surpreendido e sensibilizado e foi tão gentil durante a noite, que ela pensou em repetir a experiência. Pouco a pouco ela experimentou fazer outras coisas do seu agrado. Na mesma medida em que êle voltava a sentir-se apreciado, voltava, também, sua capacidade de apreciar os outros. Ela percebeu que quanto menos lutava com êle para conseguir o que queria, menos precisava lutar. Além disso, foram levados a reconhecer que não eram pessoas do tipo a formar um casal que vivesse suave e fàcilmente todos os dias. Ela sempre tinha pensado que seu casamento fôsse uma farça e agora via que era uma argila muito preciosa que êles nunca aprenderam a modelar.

Isto nos sugere que os indivíduos têm uma escala de percepção e de comportamento com os quais enfrentam as situações sem mudar suas personalidades. Nossos primeiros esforços para o ajustamento demandam uma quantidade de "respostas" disponíveis e percepções que podem mais produtivamente servir à situação. Quando "servimos a outros", desejamos dêles o mesmo tipo de "resposta". É um entendimento útil — que as pessoas tenham diferentes meios de mostrar amor e apreciação. Não devemos nunca ter como lei suas presenças sem considerar o que isso significa para a pessoa que o está oferecendo. Jesus poderia ter dito à viúva para guardar os seus dois vintens, pois êles pouco valor teriam para o templo. Êle, porém, apreciou a oferta como um presente do coração.

Uma outra história poderá ajudar a ilustrar a idéia. Certa mulher procurou um advogado para tratar do seu divórcio. Ela, entretanto, queria algo mais do que isso — queria, realmente, magoar seu marido.

O advogado disse, "A senhora tem certeza que deseja magoá-lo?"

Ela respondeu com veemência, "Certamente! Êle precisa pagar pelo que me fêz."

Depois de pensar durante um momento, disse o advogado, "Eis o conselho que dou. Volte para casa e durante seis meses faça tudo o que a senhora acha que o seu marido gostaria que fizesse. Faça os seus pratos prediletos, conserve suas roupas em boa ordem, cumprimente-o jovialmente todos os dias — e faça o que a senhora acha que seria bem do seu agrado."

A senhora disse, "Que coisa estapafúrdia — Isso não tem nexo!"

O advogado acrescentou, "Em seis meses vivendo assim a senhora fará com que êle fique na sua dependência. Êle precisará de si; então a senhora poderá magoá-lo!"

A senhora saiu. Um ano depois o advogado encontrou-a na rua e lembrou-lhe que ela ficara de voltar para tratar do divórcio.

"Pode parecer loucura" disse a senhora, "mas eu voltei para casa, segui o seu conselho e o senhor quer saber do resto? Meu marido é um outro homem! Por isso mudei de opinião, felizmente, a respeito do divórcio."

Eu tenho dúvidas de que o marido tenha mudado sua personalidade básica. Sob o poder de persuasão do comportamento dela, êle sentiu-se mais aceito e pôde assim melhor revelar o seu tipo receptivo de "resposta." Se atacamos com os punhos, o mais certo é recebermos punhadas de volta; Se atacamos com palavras o mesmo acontece; com amabilidade e amor, receberemos de volta amabilidade e amor. Quando fazemos valer os nossos direitos os outros, também, fazem valer os seus. Quando prodigalizamos perdão e amor recebemos perdão e amor, salvo da parte daqueles que têm o coração endurecido. Êstes, talvez, precisem ser tratados pela justiça!

Um terceiro princípio liga-se ao que dissemos: A empatia desenvolve-se pela prática. Certa vez tive um estudante na classe que achava que não sabia amar as pessoas. Algumas vêzes achamos que o único remédio para isso é aconselhar. Contudo, pode-se fazer experiências para ajudá-los a aprender. Se uma criança aprende a amar amando e sendo amada, o mesmo deveria acontecer com o adulto. Tôdas as situações, entretanto, não servem. Sugerimos que, para isso, passe a maior parte do tempo que puder na companhia de criancinhas ou com pessoas idosas — êles aparentam maior facilidade em expressar os seus sentimentos. Através de tais experiências vai achar novos sentimentos e novas reações virão. Nem sempre isso é fácil; apaixonar-se-á pelo assunto e depois de algum tempo dirá com alegria que encontrou-se mais à vontade entre outras pessoas. Constantemente fazendo, êle próprio, experiências que requerem respostas empáticas, começou a comunicar empatia e aprendeu a tornar-se uma pessoa mais louvável e digna de ser amada.

Quarto, empatia é, em última análise, uma experiência comunicativa — de fazer e ser ouvido. Ela parece partilhar os mais sutis e os mais profundos elementos de comunicação. Todo amor é uma experiência comunicativa e ocorre através de meios simbólicos e expressões. Permitam-me que lhes conte a história de dois amigos, que estão agora divorciados, porque não puderam desenvolver comunicações empáticas. A moça, para saber-se amada, precisava sentir como se houvesse um braço cálido e protetor em volta dela. O rapaz desejava companheirismo no campo intelectual e desportivo, como um símbolo de amor. Podia e realmente cozinhava para a espôsa, limpava a casa e a ajudava de muitas maneiras, mas por qualquer razão não conseguia fazê-la sentir a sensação de um braço à volta do seu ombro. Êle era demasiadamente "solteiro" para isso! Ela, por outro lado, não podia achar apre-

ciação no que êle fazia e nem sentia confiança para ser sua companheira. Pela falta de empatia e apreciação o amor e o casamento perderam-se. Fôssem êles capazes de contribuir com o necessário Q.E. (quociente emocional) e o casamento teria sobrevivido. Como aconteceu, êles perderam-se de vista no emaranhado das desilusões.

Em tudo que fazemos, nós "comunicamos." Mesmo em nossos melhores momentos, podemos ainda hesitar em deixar nossos corações e as nossas almas abertas, um para o outro. O que é que acontece quando uma pessoa desconfiada se casa com uma cheia de entusiasmo? Por certas razões, um precisa do outro e podem ainda ser perturbados pelos atributos que os atraíram no comêço. A pessoa entusiástica, geralmente acha que as cautelas são como freios ao seu entusiasmo.

As cautelas ou restrições arrefecem o entusiasmo e podem levar um entusiástico companheiro a retroceder e ao mesmo tempo, a sentir frustração. A maior parte das pessoas cautelosas, entretanto, não gostaria que o seu interlocutor fôsse menos entusiasta. O grau de entusiasmo que êles podem sentir, depende do grau de segurança que a situação aparenta depois que tiveram tempo de examiná-la. É tão difícil dizer, "Querida, continue sendo entusiástica. Eu não desejo que você seja menos entusiasta, mas não posso ser como você." Muitas pessoas calmas e cautelosas procuram pôr dificuldades ou raciocinam muito sôbre as conseqüências antes de permitirem o prosseguimento de algo. Êsses indivíduos não saberiam o que fazer se as coisas lhes escapassem das mãos. Êles precisam de empatia — de apreciação. Ambos gostariam de ter, dentro de si, um pouquinho mais do outro.

Minha espôsa, que é uma mulher dinâmica e de alta capacidade, pode me dizer, "Oh, eu queria apenas que você fôsse realmente mais entusiasta." E, eu digo, "Às vêzes, eu sou entusiasta. "Sim" ela replica, "mas eu gostaria de vê-lo, pelo menos uma vez, com um entusiasmo igual ao meu."

A empatia não é como rua de uma só mão. Em qualquer situação o indivíduo pode estar empatizando, tanto quanto êle saiba "como". Se o interlocutor estivesse em idêntica situação, a resposta empática poderia ser maior. Por isso mesmo, deverão ser duas as espécies de apreciação — uma a do interlocutor, do qual necessita por um certo tempo e outra, as tentativas honestas do interlocutor, para empatizar. Conheço um homem, já maduro, que procura integrar-se em certa família e os outros também procuram ajudá-lo. A coisa não é fácil, porque êle estêve fora durante muitos anos. Por sentir-se deixado à margem, êle sente, muitas vêzes, necessidade de dominar os demais membros da família para satisfazer sua necessidade de intimidade. Devido às tentativas recíprocas de ultrapassar êste vão emocional, as relações têm melhorado através dos anos.

Isto sugere um outro elemento de comunicação, que é importante. As "respostas" empáticas são freqüentemente recusadas quando o indivíduo sente-se perturbado. O indivíduo observa o mundo, vê um problema, e acha que deve logo chamar a atenção dos outros para isso. Se não fôrmos extremamente prudentes na maneira de relatá-lo, é muito fácil bloquearmos a "resposta" do nosso interlocutor. Se alguém diz à espôsa, "Querida temos de tomar cuidado com o nosso, dinheiro," a constatação pode ser verdadeira e por isso mesmo pode dar lugar à ansiedade. O possível sentido de urgência pode levar, com muita facilidade a respostas frias e indesejáveis. Ou, poderemos dizer, "Quando é que você vai fazer algo a respeito...?" ou ainda, "Não faça isso; isso não parece bom". Ou, "Por que você não arrumou isso?" Ou, também, "Querida, temos um problema."

Apesar de tôdas essas sugestões de trabalho de equipe, a idéia de "Nós temos um problema" não é completamente verdadeira. Em qualquer problema há, geralmente, vários problemas e nenhuma das pessoas os vê todos.

Quando tratando com crianças, os pais podem dizer "Temos um problema", porém, mesmo êsse pode ser diferente do problema da criança. "Joãozinho tem um problema" pode ter mais significação do que "Nós temos um problema com Joãozinho!"

Saber é maior perfeição do que duvidar. René Descartes

Êste raciocínio é particularmente aplicável nas relações matrimoniais. Há ocasiões em que a discussão de um problema comum de dinheiro pode ser interrompida. Mesmo nesses casos há sentimentos pessoais e necessidades que precisam de um ouvido benevolente.

Por exemplo, se o marido chega em casa tarde, vindo do trabalho, à hora da refeição, êle e sua espôsa, provàvelmente têm muitos e diferentes problemas. Êle pode ser fraco como organizador, pode ser que outros abusem dêle ou pode ser esquecido. Para completar, ainda, êle terá o problema das doenças da espôsa, que podem torná-lo um organizador pior ainda, e assim por diante. O problema dela poderá ser o de falta de companhia ou de trabalho de equipe, cansaço devido à inabilidade de planejar suas tardes, e assim por diante. Se ela não se aborrecesse por êle ter chegado tarde, não haveria o problema do horário das refeições, êle pode ainda ter lutas com os seus problemas pessoais.

Talvez o melhor processo para provocar uma resposta empática seja um pouco mais de cuidado em tal comunicação. Nos maus momentos, se o perturbado pudesse dizer, "tenho um problema, sinto-me perturbado e não gosto disto e nem da maneira como êle me faz tratar você. Ajude-me a achar a solução," o pedido de ajuda pode trazer empatia, considerando que algumas outras abordagens podem trazer desafios e confusão. Não é que um determinado fraseado, em si mesmo, seja crucial, porém a abordagem de socorro prepara a atmosfera na qual as possibilidades empáticas podem mais completamente materializar-se.

Ser capaz de sentir apreciação pela maneira como o interlocutor se sente em diferentes situações, é o primeiro passo para a qualidade emocional nas relações matrimoniais. Ser capaz, não sòmente de sentir tal apreciação mas, também, de comunicá-la efetivamnete ao interlocutor é o segundo passo. Talvez o desafio para cada um de nós seja aprender se somos faltos de sentimentos, de habilidade comunicativa, ou de ambos. Há beleza demais a ser partilhada na vida de um casal, para que se enforquem em cada porta de sua existência.

(No próximo mês — Fazendo Os Conflitos Trabalharem Por Nós.)

A recreação e a diversão são tão necessárias ao nosso bem-estar quanto as mais sérias ocupações da vida. Não há um homem no mundo que, se mantido em qualquer ramo de negócio ou de estudo, não venha a se tornar como uma máquina. As nossas ocupações devem ser diversificadas o suficiente para desenvolver cada aspecto do nosso caráter e uma diversidade de talentos. Brigham Young.

Êle ia ser o orador da Igreja naquela noite. Enquanto se barbeava cortou o queixo. "Puxa eu estava tão concentrado no meu discurso que cortei o rosto," disse à espôsa. Ela replicou "Você deveria concentrar-se no seu rosto e cortar o discurso."

Deus sempre trabalha com aquêles que trabalham com êle. Aristóteles.

Mendigo: "Você tem aí um dinheirinho para um sanduíche?"
Estudante: "Não. Muito obrigado, pode deixar que eu me "viro."

Numa manhã cinzenta e chuvosa o Toninho, de oito anos de idade, saiu-se com esta, na hora de abençoar a refeição: "Agradecemos-te por êste belo dia." Sua mãe perguntou-lhe porque tinha dito aquilo quando o dia nada tinha de bonito. "Mamãe," disse êle com rara sabedoria, "nunca julgue um dia pelo tempo que estiver fazendo."

Diz-se que cada homem tem sua ambição peculiar... Eu não tenho ambição maior do que ser verdadeiramente estimado pelos meus concidadãos, fazendo-me digno da sua estima. Abrão Lincoln

"Mais depressa, mamãe, mais depressa!"

Alguns homens eletrizam suas audiências, outros as gaseiam

As dificuldades são sempre montanhas quando as encontramos e ondulações do terreno após as têrmos ultrapassado.

Empregada: "Sinto muito, mas a patroa disse que não está em casa."

Cobrador: "Ora, não tem importância, diga-lhe que estou satisfeito de não ter vindo."

Conhece a história do homem que tirou férias para esquecer de tudo? Pois bem, na primeira noite no hotel, quando abriu a mala, descobriu espantado que tinha mesmo esquecido tudo.

CARNAVAL

Devido à importância do assunto, deixamos de relacionar êste artigo com o tema da capa, publicando um artigo especial sôbre esta festa.

Freqüentemente temos sido abordados por pessoas, na sua maioria jovens, tanto de dentro quanto de fora de nossos arraiais, a respeito dêste assunto, por certo relevante, no que respeita particularmente à orientação que se deve dar à juventude.

Nas discussões que nos têm sido propostas, geralmente vêm à baila as atitudes e opiniões de outros grupos religiosos, e a questão é posta em têrmos de comparação: "A igreja tal ou qual reage desta ou daquela maneira; que dizem os mórmons em face disso? Em primeiro lugar vale lembrarmos aos irmãos e esclarecermos aos amigos que a Igreja não formula suas diretrizes nem estabelece seus padrões em função do que pensam ou fazem êstes ou aquêles grupos; podemos dizer que o lema do brasão dos paulistas, "non ducor, duco", é uma norma de vida muito adequada aos santos. Não somos guiados, guiamos!

Não temos sido chamados para a missão de analisar o mundo, examinar-lhe os costumes, apreciar-lhe as razões e então adaptarmo-nos às suas práticas. Nossa tarefa é receber, por intermédio de nossos líderes inspirados, as revelações do Senhor e levá-las ao mundo para que as adote e seja feliz, ou para que as rejeite e a si próprio se julgue. Somos nós os que damos a direção, a nós é que cabe definir os rumos, por vocação divina.

Estabelecida, pois, a premissa básica de que a Igreja age por revelação e nunca por pressão ou influência de estranhos, passemos a apreciar mais minuciosamente o problema.

Vejamos, antes de mais nada, como se apresenta a realidade do carnaval:

— *Música.* Quanto ao ritmo, às melodias e à instrumentação das canções popularizadas pela festa, cremos, nada de bàsicamente mau existe. Já não diríamos o mesmo, entretanto, com relação às letras. É sabido que muitas das músicas carnavalescas só se impuseram ao gôsto popular em virtude da natureza picante de suas poesias, onde imperam o duplo sentido, as insinuações grosseiras ou mesmo a pornografia sem disfarce. A freqüência com que se invoca em vão o nome de Deus, coloca do mesmo modo essas canções inteiramente fora do ambiente mórmon.

A menos que tivéssemos as nossas próprias letras, com que parodiássemos as músicas populares em voga (o que seria pelo menos ridículo se não fôsse desaconselhável por outros motivos), ou que compuséssemos nossas próprias marchas e sambas, ficaríamos, como de fato ficamos, na impossibilidade de cantá-las ou mesmo de participar de festas onde tais músicas livremente se cantassem, quando mais não fôsse, em nome da coerência.

— *Vestuário.* É fato indiscutível que algumas fantasias carnavalescas apresentam um verdadeiro espetáculo de beleza, entretanto os jornais e revistas andam cheios de ilustrações do que ocorre de excessos durante es três dias em que as ruas e os clubes pululam de foliões parcamente vestidos. Pareçe mesmo que a prática que a cada ano mais adeptos encontra, é a de os homens se vestirem de mulher, enquanto as mulheres pràticamente suprimem o vestuário. A Igreja, positivamente, não pode pactuar com tal procedimento, nem permitir que os filhos da promessa se mesclem com a multidão e se confundam com aquêles que não prezam os mandamentos do Senhor e muito menos a si próprios, apresentando-se em público de maneira despudorada.

Outro ponto a ponderar é que não podemos impor aos outros os nossos padrões, e ao mesmo tempo não é conveniente para um moço ou moça da Igreja admitir a dança em contato com um parceiro parcamente vestido ou quase nu.

— *Espírito.* Êste é, sem dúvida, o fator mais importante a considerar com relação ao Carnaval. O espírito que preside à festa não é, positivamente, o Espírito do Senhor, e onde não penetra o Espírito do Senhor, quem ousaria aconselhar um santo a entrar?

O pensamento quase geral é de fazer-se nos dias de Carnaval tudo o que se não pode ou se não ousa fazer no restante do ano. O abuso das bebidas, com o correspondente acompanhamento de violências e falta de decôro; o costume de buscar a embriaguês aspirando o éter dos lança-perfumes; a liberdade com que as pessoas, muitas vêzes conhecidas de poucos instantes ou mesmo totalmente desconhecidas, sob o anonimato das máscaras (e às vêzes sem elas), se entregam a intimidades, desfrutes e atitudes que, como diria o apóstolo Paulo, "até o dizê-lo é torpe", parece que colocam os recintos onde se "pula o Carnaval", fora dos limites permissíveis ao "povo adquirido, à nação santa, ao sacerdócio real"'

As estatísticas da polícia ao findar da festa acusam um triste saldo de violências, embriaguês, atentados ao pudor e até assassínios. Na manhã de quarta-feira, enquanto os veículos da limpeza pública recolhem das ruas a sujeira que restou, as portas da cadeia vão se abrindo e devolvendo à cidade a imundície moral que se manifestou durante a festa; sòmente os mais pobres ou miseráveis, é verdade. Os ricos dificilmente dormem nas prisões.

Pode-se agora argumentar, e com aparente razão, que os santos poderiam evitar todos êsses abusos, retendo os aspectos positivos do evento. Poderíamos, talvez, promover bailes de Carnaval em que as músicas seriam expurgadas de seus ditos grosseiros; as vestimentas poderiam ser discretas e belas, as atitudes e os padrões de moral seriam os que se recomendam aos santos e, como a bebida e o fumo são desconhecidos dos mórmons, tudo estaria resolvido. Além do mais, argumentariam alguns, se não promovermos os nossos bailes de Carnaval, os moços serão tentados a ir aos de fora.

Tal idéia de tomar alguma coisa condenável do mundo e procurar "purificá-la", sem lhe alterar totalmente os aspectos julgados positivos ou aceitáveis, foi que ditou alguns dos passos mais firmes e decisivos no caminho da apostasia. Por êsse caminho é que se veio aceitar a manutenção de imagens e o seu culto nos edifícios religiosos, primitivamente dedicados aos cultos pagãos e mais tarde adaptados ao cristianismo; por semelhante método entraram na Igreja que apostatava, o ritual cheio de pompa, o batismo de infantes e tudo o mais que vemos por aí.

Mais um ponto a pesar: se os moços da Igreja serão tentados a ir aos salões carnavalescos, desconhecendo a advertência de seus líderes, será que um baile promovido pela Igreja, terminando por volta das onze horas da noite, como é costume entre nós, os livrará da tentação de irem aos clubes, cujos bailes se iniciam justamente nessa hora, ou não se constituirá isso antes em mais um motivo de tentação? Afinal, já estariam saindo de um baile carnavalesco e no fim... tudo é Carnaval! Só existiria, mesmo, ao fim de tudo, uma única distinção: é que na quarta-feira as consciências dos mórmons estariam muito pesadas, sem o miraculoso recurso da cinza sôbre a testa, com que tantos foliões tentam se iludir; a menos que adaptássemos também êsse costume...

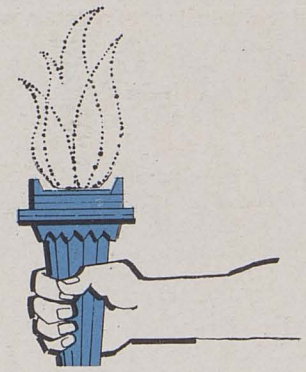
Resta, pois, a questão inicialmente colocada: já que não podemos fugir ao fato da existência do Carnaval, e uma vez que os bailes promovidos nesses dias, em vários locais, são uma tentação para os moços recém-batizados (e por isso mesmo ainda não integrados perfeitamente no Espírito da Igreja), qual a solução apresentada?

A fim de que não haja dúvida no pensamento dos santos e para que não sejam levados de uma para outra parte como as ondas do mar batidas pelo vento; a liderança da Igreja traz ao Povo do Senhor esta advertência: Tem-nos parecido bem a nós, sob a inspiração do Espírito Santo, que os santos se abstenham dos festejos mundanos do Carnaval, seja por ativa participação nos bailes públicos ou privados, seja pelos cânticos das canções indecorosas que nesses dias se popularizam, seja por qualquer outra forma de apôio ou estímulo a tais festejos.

A Igreja de Jesus Cristo não pretende adaptar o Carnaval aos seus padrões ou tentar "santificá-lo" de qualquer maneira. Recomenda o Espírito do Senhor que procuremos estar unidos nesses dias (como de resto em tôdas as demais ocasiões) em tôrno dos programas elaborados pela liderança da Igreja.

A fim de que não faltem atividades interessantes e sadias para os moços durante êsses dias feriados, programas especiais são preparados, oferecendo à nossa juventude oportunidade de se divertir e instruir dentro dos elevados padrões do evangelho, fugindo às tentações do Adversário. E estamos seguros de que muitos jovens de fora da Igreja preferirão o convívio dos filhos de Deus nesses dias, aos festejos reprováveis que o mundo oferece.

IDÉIAS ETERNAS



LEITURA ESSENCIAL PARA TODO SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS

21 FEB 1967

A IGREJA RESTAURADA

Uma interessantíssima introdução histórica ao mormonismo e ao seu povo. Com magníficas ilustrações a 4 côres. Um perfeito presente para amigos e investigadores e magnífico auxílio para missionários. Preço Cr$ 7.000.

A PALAVRA DE SABEDORIA E VOCÊ

Dedicado à pureza da juventude, trazendo discussões, destinadas a fortalecer os jovens contra os males da atualidade. Como disse o Apóstolo Petersen, "Não há substituto para os fatos e nenhum inimigo como a ignorância". Preço Cr$ 900.

JUVENTUDE E A IGREJA

Especialmente destinado aos atuais problemas da juventude, destacando a importância da escôlha de um viver reto, de conformidade com as doutrinas do mormonismo. Leitura inspiradora, bem apropriada a um presente. Preço Cr$ 750.

VOCÊ PODE APRENDER A FALAR

Um importante e valioso instrumento para todo membro da Igreja: como criar e proferir discursos vívidos e eficazes, como expressar-se mais claramente. Os jovens e os adultos beneficiar-se-ão grandemente com esta ajuda. Preço Cr$ 1.100.

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, a quatro côres, êste importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui ótima sugestão para um presente. Preço Cr$ 1.100 (com capa Cr$ 1.500).

LIVROS QUE MERECEM UM LUGAR PERMANENTE NA SUA BIBLIOTECA E NO SEU PROGRAMA DE LEITURA